



Laércio Becker  
2019

Becker, Laércio  
Futebol & Política no Brasil / Laércio Becker.  
– Itapevi (SP) : Editora Campeões do Futebol, 2019  
51 p.:  
  
1. Futebol - Brasil. I. Título

À memória da minha mãe e da minha tia, sempre.

Agradecimentos ao meu amigo Sidney Barbosa da Silva, pela divulgação.

CAPA: do autor

Contato com o autor: [laerciobecker@bol.com.br](mailto:laerciobecker@bol.com.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou utilizada de qualquer maneira, armazenada em sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocopiador, gravador ou de qualquer outra forma, sem o consentimento por escrito do autor e da editora.

**Editora Campeões do Futebol**

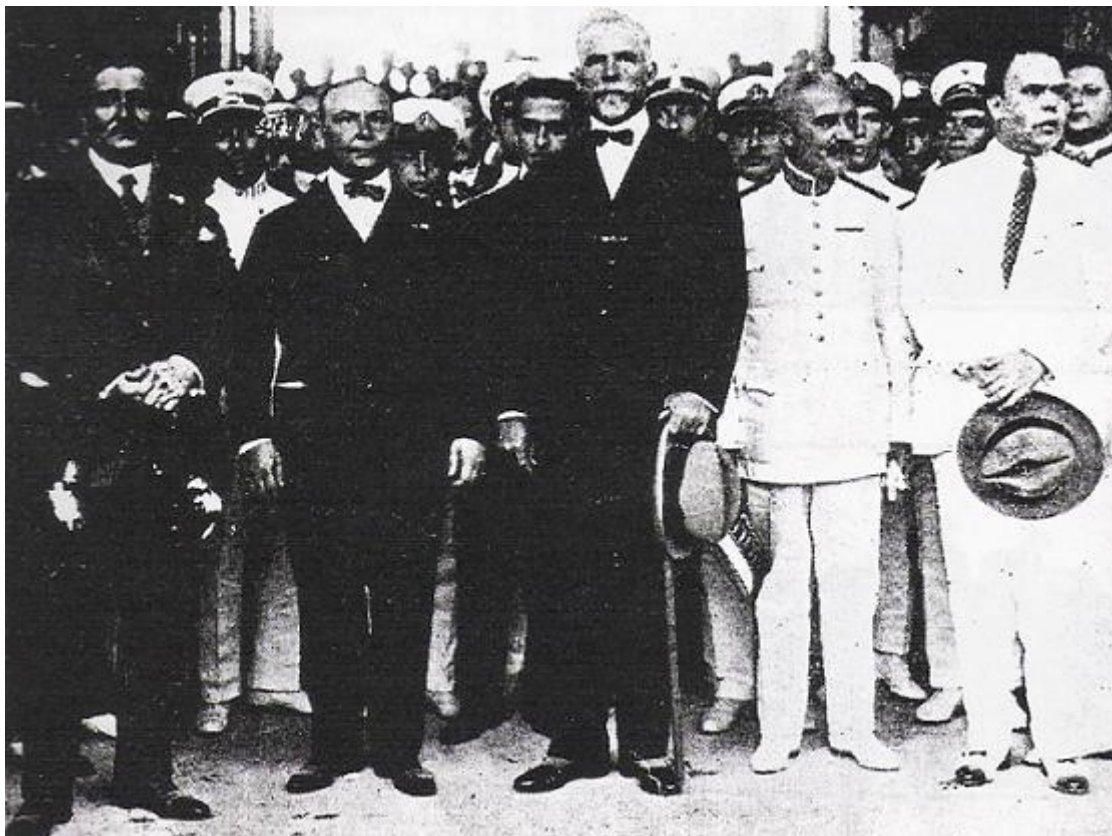
Estrada Lucinda de Jesus Silva, 781, Jardim Paulista, Itapevi, SP. CEP 06665-025

Email: [campeoesdofutebol@hotmail.com](mailto:campeoesdofutebol@hotmail.com)

CNPJ: 07.041.904/0001-04

## SUMÁRIO

Futebol e política na República Velha.....	4
Introdução – a intromissão da política no futebol.....	4
Antecedentes – o Império.....	5
Deodoro, Floriano e Prudente de Moraes.....	6
Campos Sales.....	6
Rodrigues Alves.....	7
Afonso Pena.....	7
Nilo Peçanha.....	8
Hermes da Fonseca.....	8
Wenceslau Braz.....	9
Delfim Moreira.....	10
Epitácio Pessoa.....	10
Artur Bernardes.....	12
Washington Luís.....	12
Conclusão – os clubes de preferência dos Presidentes da República.....	14
Referências bibliográficas.....	16
A futebolização da política.....	19
Barão do Rio Branco, Presidente de Honra do America.....	35
Café Filho, o goleiro que virou Presidente da República.....	41
Geisel, o botafoguense vascaíno.....	46



*Washington Luís, o “Presidente-desportista”, em evento esportivo.*

## **Futebol e política na República Velha<sup>1</sup>**

### ***Introdução – a intromissão da política no futebol***

O Estado pode se meter em futebol? Trata-se de uma questão antiga. Na realidade, presente desde as primeiras décadas do esporte bretão no Brasil.

O grande historiador Capistrano de Abreu, em carta escrita em 19.05.1919, ao comentar a final do Campeonato Sul-Americano, demonstra ser contra a intromissão estatal:

*“O grande acontecimento deste aldeão é o foot-ball. O Brasil só tem pela frente o Uruguai. Vencerá? Há para isto um estimulante forte. Um Guinle, creio que Arnaldo, cabo das sociedades desportivas, disseram-me, tomará a si a dívida de mil contos de um empréstimo feito no Banco do Brasil, se o triunfo nos assegurar o campeonato sul-americano. Nunca assisti a uma partida, não posso fazer idéia de como é, e os termos técnicos soam-me aos ouvidos como a mais arrevesada das gírias; mas, enquanto tudo for independente de socorros federais ou municipais, contará com minhas simpatias incondicionais o jogo do foot-ball.”*

Em contrapartida, Gilberto Amado, em artigo publicado originalmente em 1921, no jornal *O País*, ao comentar as seguidas derrotas da seleção carioca para a paulista, dá a entender que prefere a intervenção estatal:

*“Um prefeito moderno, menos jurídico e possuidor de um fraque menos pesado do que o Sr. Sá Freire, tomaria a sério a questão, entender-se-ia, antes de cada jogo,*

---

<sup>1</sup> Versão revista de artigo publicado originalmente em <[www.webartigos.com](http://www.webartigos.com)>, em 08.05.2012.

*com os chefes dos diversos clubes, criaria uma fiscalização para a Liga Metropolitana, interessar-se-ia, enfim, pelo renome esportivo da cidade.”*

Veremos, neste artigo, as primeiras manifestações de interesse de estadistas brasileiros pelo futebol. Especialmente nesse período em que, como bem expõe Victor Andrade de Melo, as autoridades davam maior atenção ao turfe e às regatas.

### **Antecedentes – o Império**

Essa relação entre esportes e estadistas, no Brasil, vem desde o Império. Basta lembrar que D. Pedro I e D. Leopoldina compareceram às corridas de cavalos realizadas em 31.07.1825, na enseada de Botafogo, como noticiou o *Diário Fluminense* (apud Carvalho):

*“Domingo 31 do corrente, tiveram lugar, na praia do Botafogo, grandes corridas de cavalos, as quais SS. MM. II. [Suas Majestades Imperiais] se dignaram presenciar. A praia apresentava uma interessante vista, o grande número de cavaleiros, de seges e de embarcações faziam um todo aparatoso (...). Este divertimento, que já não é novo entre nós, pode ter um bom resultado para o Brasil, e vem a ser, que se nossos compatriotas com ele se entusiasmarem como fazem os ingleses, haverá mais cuidado do que até agora sobre as raças de cavalos, objeto que nos tem sido até hoje indiferente.”*

A tradição esportiva da família imperial foi seguida por D. Pedro II e D. Teresa Cristina, mas apenas de forma passiva: assistindo. Compareceram à primeira corrida de cavalos do Jockey Club, em 16.05.1869, e também à primeira do Derby Club, em 02.08.1885. Além de grandes incentivadores do turfe, também davam apoio ao remo, tanto que compareceram à primeira regata “oficial” do Rio de Janeiro, em 01.11.1851, cf. Charles Dunlop:

*“Às 3 horas da tarde, a praia já estava cheia de espectadores e o mar coalhado de pequenas embarcações de todas as formas e feitios. Aguardava-se a chegada da Família Imperial, que prometera honrar a competição com a sua augusta presença no palacete do Visconde de Abrantes.*

*Pouco antes das 4 horas, seis bandas de música, embarcadas nos vapores, anunciaram a chegada de Suas Majestades Imperiais, tocando a um tempo o Hino Nacional.”*

A tradição da família imperial prosseguiu com a Princesa Isabel e seu consorte, o Conde d’Eu. Ele era proprietário de um terreno diante da residência do casal (o Paço Isabel, atual Palácio Guanabara, vizinho do Fluminense), que a partir de 1880 alugou para o Rio Cricket Club. Para lá, ambos iam frequentemente assistir a competições como corridas, saltos e arremessos.

E o futebol?

Como já dissemos no capítulo “Primeiros jogos”, de nosso livro *Do fundo do baú*, há quem diga que uma partida de futebol entre marinheiros foi jogada por tripulantes da corveta inglesa *Criméia*, num capinzal diante do Paço Isabel, em 1878. Se for verdade, bem que a Redentora ou o Conde poderiam ter dado uma olhada.

Só que há dúvidas se esse navio realmente aportou no Rio de Janeiro nesse ano, o que torna improvável a própria partida e praticamente impossível a hipótese de Isabel ser a primeira estadista brasileira (já que assumiu o governo em várias oportunidades) a ter contato com o futebol.

Agora, se formos considerar os estadistas “de direito”, ou seja, os imperadores que só não foram coroados por causa do golpe republicano, teríamos de destacar o

Conde d'Eu – na condição de imperador-consorte. Primeiro sócio honorário do Jockey Club, foi grande incentivador dos esportes, como se vê em carta que escreveu a seu filho D. Luís, em 02.10.1895, prestes a ingressar na Academia Militar de Viena (*apud* Armando Alexandre dos Santos):

*“Não descuides da tua saúde, nem do hábito dos exercícios físicos, que é tão essencial. Bem sei que no interior da Academia não tens infelizmente muito que escolher. Mas compensa essa lacuna entregando-te por inteiro aos exercícios que te forem impostos: exercícios militares, equitação, ginástica, esgrima e também, se possível for, dança! Nas tuas saídas, em dias de recreio, faz o mais possível caminhadas a pé, para não perderes o bom costume da marcha.”*

O Visconde de Taunay conta que, na década de 1880, o Conde d'Eu acompanhava os filhos nos exercícios de ginástica de salão, ministrados pelo professor Stohl a seus três filhos (D. Pedro, D. Luís e D. Antônio).

Mas sua ligação com o futebol é bem anterior. Quando criança, sua família foi exilada em Londres (após a queda de seu avô, Luís Filipe, rei dos franceses) e Gastão de Orléans foi submetido a uma educação bastante rigorosa, que incluía educação física: ginástica, equitação, esgrima e natação. Mais tarde, foi matriculado numa *high school* de Edimburgo. Durante essa fase britânica de sua vida, ele simplesmente teria jogado partidas de futebol! É o que conta Alberto Rangel. E a informação tem pertinência, principalmente se levarmos em conta a seriedade da pesquisa do autor nos arquivos imperiais, e se considerarmos que o príncipe francês estava no berço do futebol.

Sendo assim, nesse sentido, pode-se dizer que o Conde d'Eu foi o primeiro estadista (de direito) brasileiro (naturalizado) a jogar futebol.

### ***Deodoro, Floriano e Prudente de Moraes***

A preferência das autoridades pelo turfe e pelo remo prosseguiram nos primeiros governos da república. Deodoro da Fonseca (1889-1891), p.ex., compareceu à inauguração do Hipódromo Nacional, em 1890. E Prudente de Moraes (1894-1898) assistiu ao primeiro campeonato de remo do Rio de Janeiro, em 05.06.1898.

De Floriano Peixoto (1891-1894), o que se sabe é que era forte esgrimista. Seu filho José Floriano Peixoto, o “Fulô”, era um entusiasta do esporte nascente. Teve vida curta, mas a aproveitou bem: sócio do America e do Botafogo, praticante de remo, luta greco-romana, boxe e futebol, chegou a criar um circo e também um time próprio, o Sport Club José Floriano, com o qual foi campeão de 1907 pela União Sportiva Fluminense.

### ***Campos Sales***

No capítulo “Barão do Rio Branco, Presidente de Honra do America”, deste livro, já avaliamos a possibilidade de Campos Sales (1898-1902) ter sido torcedor do America FC. Na realidade, não conseguimos encontrar subsídios suficientes para tirar uma conclusão.

Como já dissemos naquele artigo, Manoel Ferraz de Campos Sales gostava de passear de bicicleta pela praia do Flamengo, bem como de passar os dias em Santos e Guarujá (preferia beira-mar), onde era recebido em festa e onde acabou falecendo. Coincidência ou não, em Santos havia também um “veterano sportman” e amante do futebol, de nome Mario Ferraz de Campos, que participou da fundação do Santos FC. Parente? Considerando as coincidências de sobrenome e cidade, não seria de admirar.

Apesar de ser lembrado nos brindes feitos após os primeiros jogos de futebol no Brasil (cf. vimos no artigo “Somos todos fluminenses”), não consta que Campos Sales tenha comparecido a algum jogo. Há notícia de que foi convidado e aceitou comparecer a uma celebração esportiva no Rio Cricket AA (RJ), em comemoração à coroação do rei Eduardo VII, em 09.08.1902 – mas acabou faltando.

### **Rodrigues Alves**

A impressionante biografia de Rodrigues Alves (1902-1906), escrita por Afonso Arinos, chega a citar o futebol, mas apenas como parte do contexto cultural em que se desenvolveu o seu governo:

*“O futebol, paixão brasileira e glória mundial do Brasil, começara em 1905, com um clube de nome inglês, o Football Athletic Club, pelos lados da Tijuca e o carioquíssimo America, na sua provocante camisa rubra.”*

Como se vê, há alguns pequenos equívocos: o futebol carioca não começou em 1905 (ver o capítulo “Primeiros jogos”, em nosso livro *Do fundo do baú*), o Football & Athletic e o America foram fundados em 1903 e 1904, respectivamente, e a camisa do America, até 1908, era preta. Mas tudo bem, esse breve parágrafo não arranha o valor da magnífica obra.

O que importa é que Rodrigues Alves esteve no Velódromo Paulista num evento cívico promovido pelo SC Internacional, que contou também com uma partida de futebol (cf. Gambeta). Ele também esteve no campo do Fluminense em julho de 1905, quando assistiram a um jogo do tricolor contra o Paulistano. Sobre o assunto, diz Paulo Coelho Netto que:

*“Era a primeira vez, no Brasil, que o chefe do Estado prestigiava, com sua presença, a realização de um jogo de futebol. Trazendo o apoio do governo para as suas competições, o Fluminense conseguia um êxito brilhantíssimo e prestava inestimável serviço à causa dos desportos.”*

De fato, chama atenção a presença do Presidente da República num jogo recentemente implantado no país.

Cumprir lembrar que o Presidente virou nome de dois troféus disputados no futebol. De 1917 a 1920, havia uma “Taça Rodrigues Alves” que era disputada pelas seleções paulista e carioca – como vimos em nosso texto *Sobre a unificação dos títulos brasileiros*. Notem que foi uma homenagem em vida, já que ele faleceu em 1919 – será que o ex-Presidente contribuiu com o troféu, como fez Afonso Pena? Homenagem póstuma foi a “Copa Rodrigues Alves”, disputada pelas seleções brasileira e paraguaia, em 1922.

### **Afonso Pena**

Segundo seu biógrafo Américo Lacombe, Afonso Pena (1906-1909) gostava mesmo era de jogar xadrez. Mesmo assim, não ignorou o futebol. Em 31.07.1906, ele assistiu à primeira partida de um time estrangeiro em São Paulo. Perante a fina flor da alta sociedade paulista, que lotou o Velódromo, um quadro sul-africano aplicou 6x0 num selecionado paulista.

Apesar do “baile”, o Presidente deve ter gostado do espetáculo. Tanto que ofereceu um troféu, intitulado “Taça Brasil”, ao vencedor do primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol, disputado em 1907 pelas seleções paulista e carioca. Duas vitórias (4x1 e 1x0) garantiram a São Paulo o direito à Taça Brasil, só que ela nunca foi entregue.



Há outro episódio que envolve o Presidente e o futebol, embora indiretamente. Em 01.11.1907, ele foi inaugurar o primeiro Posto Central de Assistência Pública Municipal, no Rio de Janeiro. Era para atendimento telefônico a emergências médicas: feridos, afogados e acidentados em geral. Às 14h, chegou Afonso Pena em seu *Landau*, acompanhado de outras autoridades. Uma banda de música tocou o Hino Nacional e o Presidente foi conhecer as modernas instalações, o centro cirúrgico, as três ambulâncias etc. Aqui termina a descrição de Charles Dunlop e começa a de Loris Baena Cunha, segundo o qual duas telefonistas tomaram os seus assentos para início dos trabalhos. Sob a vigia de Afonso Pena e de todas as outras autoridades, aguardaram mais de uma hora e nada de o telefone tocar.

Até que, por volta das 15h 30min, tocou o telefone, para alívio de todos os presentes. Esse primeiro pedido de atendimento foi para socorrer... um jogador de futebol que havia fraturado um braço e uma perna, num jogo no Cais do Porto. Sob aplausos de todos, médico, enfermeiro e motorista saíram de ambulância para socorrer o jogador. No meio do povo, alguém falou bem alto: “Tanto doente para atender e a ambulância foi socorrer um vagabundo...”

### ***Nilo Peçanha***

Sobre Nilo Peçanha (1909-1910), não encontrei notícias de interesse pelo futebol durante o exercício da Presidência da República. O que se sabe é que, depois, quando era senador, juntamente com o prefeito do Rio e outras autoridades, ele assistiu àquela que pode ser considerada a primeira partida noturna no Brasil. Foi um amistoso jogado no campo do antigo Jardim Zoológico de Vila Isabel, em 05.09.1914, às 21h (ver o capítulo “Primeiros jogos noturnos”, em nosso livro *Do fundo do baú*).

Cumprir lembrar que isso não significa que Peçanha tivesse algum apreço especial pelo futebol. Pelo menos, não encontrei nada em sua biografia nesse sentido. Provavelmente, o então senador só compareceu a esse pioneiro jogo noturno porque foi disputado por um selecionado de Campos dos Goytacazes, onde tinha sua base política.

Depois, em 1916, quando compareceu ao bairro para inauguração de obras, Nilo Peçanha foi homenageado pelo Merity FC, cf. *O Imparcial*, de 01.03.1916 (*apud* Pereira).

Posteriormente, em 1922, Nilo visitou o Fluminense em companhia do escritor Coelho Netto, como candidato à Presidência da República, cf. *A Noite*, de 20.01.1922 (*apud* Fernandez).

Mas isso não significa que o futebol não estivesse presente em sua família. Na década de 20, Cleveland Peçanha, parente de Nilo, fundou o América FC de Campos.

### ***Hermes da Fonseca***

Há notícias de que Hermes da Fonseca (1910-1914), antes de ser Presidente, na qualidade de general, já assistia a jogos de futebol praticados por soldados num acampamento em Santa Cruz, cf. *Gazeta de Notícias* de 17.09.1906 (*apud* Pereira).

Durante o mandato de Presidente da República, consta que ele visitou o vizinho Fluminense (cf. Coelho Netto) e, principalmente, que assistiu a um amistoso entre o Botafogo e um combinado de jogadores portugueses dos clubes Lisboa, Benfica e Tiro e Sport, convidado pelo Glorioso para se apresentar no Brasil. Foi em 20.07.1913. O Marechal, acompanhado de todo seu Ministério, do embaixador português e outras autoridades, deve ter escolhido essa partida por ser a última dos portugueses no Rio de Janeiro.



O curioso é que o combinado lusitano vinha de duas derrotas (para uma seleção de jogadores ingleses do Rio e para um selecionado carioca) e um empate (com um selecionado brasileiro). Pois bastou o Presidente comparecer para eles obterem sua primeira vitória no Brasil: 1x0 sobre o anfitrião. Que pé-frio... Na realidade, o Presidente tinha fama de azarado, por conta de alguns curiosos episódios na política e na vida pessoal. Por conta disso, carregava o apelido de “Dudu-da-Urucubaca” (cf. Koifman).

Seja como for, o resultado do amistoso pouco importa: foi uma grande honra para o Botafogo, sem sombra de dúvida. Coincidentemente, muitos anos depois, de 1977 a 1993, o alvinegro mandou seus jogos no Estádio Mané Garrincha, conhecido pelo nome do bairro em que se localizava: Marechal Hermes.

Parece que o filho do Marechal também gostava de bater bola. Segundo Mário Filho, jogava na turma de Chico Figueiredo e dos quatro filhos de Coelho Netto (Mano, George, Paulo e Preguinho). Com o apelido de Pequeninho.

### **Wenceslau Braz**

Sobre Wenceslau Braz (1914-1918), o que sabemos é que, sob sua gestão, o Ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, envidou esforços para unificação do futebol nacional (ver o capítulo “Barão do Rio Branco, Presidente de Honra do America”, neste livro).

Também foi graças à intervenção pessoal do Presidente que o selecionado brasileiro pôde viajar a preços módicos para a Buenos Aires, para disputar o 1º Campeonato Sul-Americano, cf. *O Imparcial*, de 29.06.1916, e *Correio da Manhã*, de 03.07.1916 (*apud* Pereira).

Após o fim do mandato, em 14.09.1921, Wenceslau ganhou o título de Presidente de Honra do America FC. Como dissemos no capítulo “Barão do Rio Branco, Presidente de Honra do America”, neste livro, o título decorreu do apoio que ele sempre deu ao America. A propósito, também foi sócio honorário do Fluminense.

Seu filho Mario Braz gostava de jogar bola. Mas parece que o próprio Wenceslau não gostava muito de futebol. Conta Mário Filho que, certa vez, o Presidente teve a seguinte conversa com o mordomo:

- Eu não quero ouvir mais o barulho do jogo de *football*. Quando os garotos vierem para a frente do palácio, mande-os para outro lugar.
- Vai ser difícil, senhor Presidente, vai ser difícil.
- Qual é a dificuldade? Eu dei a ordem. Cumpra-a! Pode retirar-se.
- Eu cumprirei a ordem, senhor Presidente. E se o senhor Mário não quiser obedecer-me? Ele é um dos chefes dos garotos que vêm jogar na rua Guanabara.

Foi o suficiente para o Presidente suspender a ordem. E a garotada continuou a jogar bola na frente do palácio.

Pelo que conta Mário Filho, suas “costas quentes”, mais do que suas supostas habilidades técnicas, faziam com que Mário Braz fosse convidado a integrar os primeiros quadros do Curupaity FC – um time que acabou dando origem à seção infantil do Fluminense (ver o capítulo “Primeiros afrodescendentes”, de nosso livro *Do fundo do baú*). Isso foi idéia de Chico Figueiredo. Porque, quando o time treinava no campo do Russell, sempre aparecia um guarda cobrar dos garotos a licença da diretoria de Matas e Jardins. Quem haveria de cobrar isso do filho do Presidente?

Pois foi justamente o que aconteceu, segundo Mário Filho. Quando chegou o guarda, indicaram para que falasse com Mário Braz:

- Cadê a licença?

- Que licença?
- A das Matas e Jardins.
- Eu não tenho, seu guarda.
- Então vá caindo fora.

Foi quando Chico Figueiredo deu o “carteiraço” por ele:

- Veja como fala com o filho do Presidente!
- O senhor é o filho do Presidente?

Em vez de responder, Mário Braz correu para o treinador Euclides Joaquim da Silva, o Cuca:

- Cuca, é melhor a gente ir embora. Se papai souber, pode ficar zangado.

Atrás dele, o guarda, pensando na encrenca que poderia enfrentar com o próprio Presidente, correu gritando:

- Senhor filho do Presidente! Senhor filho do Presidente!

Conclusão do Chico Figueiredo, decepcionado:

- Eu acho melhor barrar o Mário Braz até do segundo *team*. Ele não dá para a coisa.

### ***Delfim Moreira***

Quanto a Delfim Moreira (1918-1919), assim como Rodrigues Alves, também foi homenageado com nome de troféu. A “Taça Delfim Moreira” foi disputada durante sua gestão, em 1918 e 1919, entre as seleções carioca e mineira.

Sua atuação no que diz respeito ao mundo do futebol foi mais pronunciada, contudo, quando do Campeonato Sul-Americano de futebol, disputado no Rio de Janeiro, em 1919. Para início de conversa, Delfim compareceu na partida inaugural – do certame e das novíssimas arquibancadas do estádio do Fluminense: Brasil 6x0 Chile (pé-quente!), em 11.05.1919. Assim descreve Tomás Mazzoni (para mais detalhes, ver o capítulo “Primeiros estádios”, em nosso livro *Do fundo do baú*):

*“O início do Campeonato foi honrado com a presença de S. Excia. o Sr. Presidente da República, que chegou ao local do match pouco antes do mesmo principiar, só se retirando depois do seu final.”*

Para o autor dar destaque ao fato de que Delfim ficou até o final da partida, é possível inferir duas coisas. Primeiro, que não era incomum as autoridades saírem antes do jogo, em especial as que tinham pouca afinidade com o esporte. Segundo, que provavelmente Delfim tinha essa afinidade.

Um detalhe importante que deve comprovar essa hipótese é que, numa atitude inédita para um Presidente da República, ele decretou ponto facultativo nas repartições públicas, para que os funcionários públicos pudessem acompanhar a final do Campeonato, em 29.05.1919 – uma quinta-feira. Ao contrário do Maracanazo, não houve um Larajeirazo: vitória de 1x0 sobre o Uruguai, gol de Friedenreich, Brasil campeão.

### ***Epitácio Pessoa***

Como Presidente eleito (em 12.04.1919) mas ainda não empossado, Epitácio Pessoa (1919-1922) fez uma discreta saudação ao título do Campeonato Sul-Americano: “saúdo em nome de toda a nação a vitória dos jovens desportistas brasileiros”. Foi o pontapé inicial de sua relação com o futebol.

O passo seguinte foi comparecer com outras autoridades à final do campeonato carioca, em 21.12.1919, no estádio das Laranjeiras. Em seu estilo personalíssimo,

Nelson Rodrigues observa que *“Epitácio era desses que nem sabem que é a bola. [No entanto,] Também ele foi suscetível à magia do jogo. Convidado, compareceu”*. Seu irmão Mário Filho faz uma descrição bem detalhada – e um tanto romanceada, como era hábito dos Rodrigues – do evento.

O Presidente já empossado chegou durante a partida preliminar, que foi interrompida, os jogadores formaram diante da tribuna de honra e a banda dos Fuzileiros Navais tocou o Hino Nacional. O Fluminense goleou o Flamengo por 4x0 e a conquista do tricampeonato foi saudada com uma salva de 21 tiros de canhão, do alto do morro do Mundo Novo. Epitácio assistiu a tudo e só saiu do estádio depois de entregar onze medalhas de ouro aos jogadores. Desde a preliminar até a premiação? Se fosse uma visita protocolar, não teria ficado tanto tempo.

Em junho de 1920, compareceu novamente ao estádio do Fluminense, mas dessa vez com a primeira-dama, para uma apresentação ao ar livre da ópera *Aída*, de Verdi, cf. *A Rua*, de 15.06.1920 (*apud* Fernandez).

Voltou ao estádio das Laranjeiras em 26.09.1920, juntamente com todo seu Ministério e outras autoridades, para acompanhar os reis Alberto I e Elizabeth, da Bélgica. Lá, assistiram a um grande desfile de esportistas dos clubes da capital, em homenagem ao famoso “rei-soldado”. Na realidade, a idéia era impressionar esse monarca que era admirador confesso do esporte em geral e do futebol em particular. Eis a minuciosa descrição que nos fornece Leonardo Pereira, com base em jornais da época:

*“Da tribuna de honra, o rei Alberto e sua esposa assistiram a um desfile que se abria com a entrada no estádio de uma banda egípcia de clarins, ‘recordando uma passagem heróica das festas da Hélade’. (...) Com disciplina militar, a parada continuava com a entrada em campo das delegações de cada um dos clubes filiados à liga. À frente de todos apareciam, dando início ao desfile, as bandeiras brasileira, belga e da Liga Metropolitana – que sobrepunham-se às de cada clube, carregadas por seus respectivos representantes. Perfilados lado a lado e cumprindo as determinações da liga, marcharam frente ao monarca belga cerca de 1.500 atletas, que proporcionavam aos espectadores um espetáculo grandioso. (...) Tratava-se, enfim, de uma grande apoteose do esporte nacional, a que o monarca belga assistiu com atenção.*

*Para encerrar os festejos, acontecia uma disputa entre um selecionado escolhido entre os times de futebol da zona sul, vestido com as cores da Bélgica, contra um outro formado pelos times da zona norte, que vestia o uniforme da Liga Metropolitana. Presenciado por cerca de 35 mil espectadores, o sucesso do evento constituiria para a crônica esportiva da cidade ‘um verdadeiro acontecimento’, sendo aquela tarde qualificada como uma das ‘mais memoráveis para o sport nacional’. Impressionando espectadores que até então ‘nunca voltaram as suas atenções para o sport’, como o presidente Epitácio Pessoa, ele era para muitos a prova de que o futebol já seria no Brasil um ‘Estado dentro do Estado’.”*

Obs.: a acusação que o jornal da época faz, de que Epitácio nunca havia dado atenção ao esporte, não procede, pois já havia duas demonstrações de algum interesse, como vimos acima.

Também em 1920, no salão nobre do Fluminense, Epitácio Pessoa entregou uma placa de prata ao primeiro medalhista olímpico do Brasil – o atirador Afrânio Costa, do tricolor.

Mais uma vez voltou ao estádio das Laranjeiras em 13.09.1922, para a solenidade de abertura dos Jogos Olímpicos Latino-Americanos, comemorativos do centenário da independência do Brasil. É inconcebível que não tenha voltado para a

abertura (17.09.1922) ou o encerramento do Campeonato Sul-Americano, em outubro de 1922, novamente vencido pelo Brasil.

Com tantas participações em eventos esportivos, não é de estranhar que tenha virado Presidente de Honra da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF). E com tantas visitas ao Fluminense, que tenha virado sócio honorário do tricolor.

No entanto, Epitácio Pessoa será sempre lembrado por um episódio infeliz que já citamos em nosso artigo “Macacos, macaquitos e a Ponte Preta”. Tudo começou em 1920. Na volta do Campeonato Sul-Americano desse ano, a seleção brasileira foi fazer um amistoso beneficente com a seleção argentina, em Buenos Aires. Só que um jornal local estampou uma charge apresentando nossos jogadores como “macaquitos”. Então, por ocasião da convocação da seleção que voltaria à Argentina para disputar Campeonato Sul-Americano de 1921, em conversa reservada com o presidente da CBD, Oscar da Costa, Epitácio Pessoa teria exigido que só fossem convocados jogadores brancos – cf. *Correio da Manhã*, 17.09.1921 (*apud* Rosso). É claro que a CBD negou peremptoriamente que essa conversa tenha ocorrido, mas o estrago já estava feito e ninguém acreditou.

Segundo Waldenyr Caldas, eram dois os motivos que o moviam. Em primeiro lugar, como a chance de o Brasil vencer na Argentina era remota, se a seleção tivesse negros, o Presidente achava que os brasileiros brancos os responsabilizariam pelo fracasso. Em segundo lugar, ele disse querer evitar novas manifestações racistas dos argentinos e, assim, “preservar” a honra, a imagem e a dignidade do negro e do povo brasileiro, além de evitar algum incidente diplomático.

Ou seja, sob o pretexto de proteger o negro, de manifestações racistas de brasileiros e argentinos, o Presidente acabou monopolizando o racismo para si mesmo.

### **Artur Bernardes**

De Artur Bernardes (1922-1926), o máximo que encontrei foi que, em 1925, na volta da famosa excursão pela Europa, ao chegar ao Rio de Janeiro, a delegação do Paulistano foi recebida em triunfo, por fanfarras militares e pelo Presidente, que deu uma de tiete (leia-se: torcedor): cumprimentou cada um dos jogadores e chegou a lhes pedir autógrafos (cf. Brandão).

Em 1926, no Fluminense, ele discursou para os escoteiros tricolores, antes da excursão que fizeram a Belo Horizonte, cf. *O Globo*, de 11.01.1926 (*apud* Fernandez).

### **Washington Luís**

Washington Luís (1926-1930), justamente o último da chamada República Velha, foi o que mais demonstrou afinidades com os esportes em geral, inclusive o futebol. Antes mesmo de assumir a Presidência, quando ainda governava a cidade e o estado de São Paulo, ele se dizia um “prefeito-desportista” e depois “governador-desportista”. Isso porque sempre fez questão de cultivar uma imagem de pessoa atlética, que se envolveu e deu apoio oficial a eventos esportivos, p.ex., a Prova Estadinho, de atletismo, as “Regatas Washington Luís”, disputadas no Tietê, os *raids* aéreos (em 1919, fez seu batismo aéreo) e o automobilismo (chegou a participar pessoalmente de ralis em Santos, Bragança e no Vale do Paraíba). Quando do 1º Campeonato Estadual de Luta Romana, ele premiou pessoalmente o vencedor dos pesos-pesados.

A seleção brasileira titular que conquistou o Campeonato Sul-Americano de 1919 tinha nove jogadores paulistas. Por isso, o então prefeito Washington Luís

patrocinou para eles uma festa de recepção absolutamente inédita, “acionando carros de bombeiros, bandas, lanceiros, guardas de honra, flores, luzes e foguetório” (cf. Sevckenko).

Em 1920, o então governador tentou – em vão – reverter a posição da Associação Paulista de Esportes Atléticos (Apea), que não queria ceder jogadores para o selecionado brasileiro que iria ao Chile para disputar o Campeonato Sul-Americano, em virtude do impasse que envolvia Fluminense e Paulistano, em torno da Taça Ioduran (sobre as razões desse veto da Apea, ver nosso texto *Sobre a unificação dos títulos brasileiros*). Tempos depois, a Apea instituiu “Taça Dr. Washington Luís”, conquistada pelo Corinthians em 1929.

Em 1921, o governador compareceu à inauguração da luxuosa sede da Sociedade Hípica Paulista.

Quando o já ex-governador e candidato à Presidência estava em Paris, o Paulistano fazia a citada excursão pela Europa. Washington Luís não perdeu tempo: foi assistir ao jogo de estréia do time brasileiro, em 15.03.1925, uma goleada de 7x2 na seleção francesa, sob neve, perante assistência de peso, como o Príncipe D. Pedro de Orléans e Bragança, filho da Princesa Isabel, Raul do Rio Branco, que veio especialmente de Berna para o evento, e dizem que até Jules Rimet, entre outras autoridades. Antes de retornar ao Brasil, o presidente do Paulistano, Antonio Prado Jr., ofereceu à sua delegação um almoço de despedida, em que compareceu novamente Washington Luís, que recebeu uma lembrança.

Depois, já no exercício da Presidência da República, compareceu à inauguração da piscina do Paulistano, em 03.10.1926. Segundo Ignácio de Loyola Brandão, ele era um “amigo do clube” (pode-se dizer torcedor?). De terno, colete, gravata borboleta, chapéu e bengala, deu uma volta inaugural em torno da piscina (pelo lado de fora, é claro!) e batizou-a com champanhe.

No ano seguinte, em 21.04.1927, foi com cinco Ministros e outras autoridades à inauguração do estádio de São Januário. O maior estádio da América do Sul, naquela época. Emocionado, recebeu os aplausos e vivas de mais de 50 mil torcedores, durante mais de três minutos. Por isso, depois declarou à imprensa: “*nunca recebi tantas palmas em minha vida; nem em minha terra*”. Agradou aos cariocas e desagradou aos paulistas.

13.11.1927, na final do Campeonato Brasileiro de Seleções, em São Januário. Os paulistas abandonaram o jogo a 12 minutos do fim, quando empatavam em 1x1 com os cariocas, por discordarem da marcação de um pênalti. Washington Luís, que estava na tribuna de honra, ordenou que o jogo continuasse. Ao que o jogador Feitiço, da seleção paulista, respondeu que o presidente podia mandar lá em cima, mas cá embaixo quem mandava era ele. Resultado: o juiz mandou bater o pênalti assim mesmo e encerrou o jogo em 2x1.

Como vingança, diz a imprensa que o Presidente impediu a CBD de enviar uma delegação à Olimpíada de 1928, em Amsterdam, ao lhe negar verba. Segundo Storti e Fontenelle, teria dito: “O esporte é uma brincadeira de rapazes desvairados”. Desiludido com o futebol e já no final do mandato (que seria abreviado pela Revolução de 30), ele também não deu atenção à formação da seleção brasileira para a Copa de 1930.

Ou seja, por um caminho tortuoso, o Brasil voltou à não-ingerência (no caso, não-incentivo) estatal nos esportes. Ingerência e incentivo que seriam depois retomados por Vargas, num patamar bem superior, como veremos no capítulo “A futebolização da política”, neste livro.

### **Conclusão – os clubes de preferência dos Presidentes da República**

Confesso que a pesquisa que fiz para redigir este artigo decorreu de uma curiosidade. É que anda circulando pela internet uma lista de Presidentes e seus respectivos clubes de preferência. Ei-la, com alguns acréscimos e observações:

- José Linhares – Fluminense (sócio honorário do tricolor, queria discutir futebol com o rubronegro Carlos Lacerda, como este relatou: *“Ele era um homem simples, cuja paixão e cujo maior interesse na vida – naturalmente fora da vida familiar – era o futebol. Fui visitá-lo e acabei falando sobre Flamengo e Fluminense, coisas de que entendo muito pouco, muito mais do que sobre qualquer outro assunto. Era um apaixonado por futebol.”*)
- Dutra – Flamengo (membro do Conselho Deliberativo do clube, cf. Mauro Pinheiro; segundo Marcos de Castro, foi graças à amizade com Dutra que Hilton Santos, presidente do Flamengo, conseguiu as benesses suficientes para erguer a sede do Morro da Viúva, sobre a qual falamos no artigo “Cordialidade entre clubes cariocas”; contudo, na opinião de Armando Nogueira, “nunca deu a menor bola pra futebol”)
- Vargas – Grêmio e Vasco (ou Flamengo, ver o artigo “Somos todos fluminenses”)
- Café Filho – Alecrim (ver o capítulo “Café Filho, o goleiro que virou Presidente da República”, neste livro)
- Carlos Luz – ? (as poucas biografias falam muito sobre sua vida política e quase nada sobre sua vida pessoal; não encontrei nem sequer registro se ele gostava de futebol, quanto mais de um time; provavelmente nunca se interessou)
- Nereu Ramos – Flamengo (cf. José Lins do Rego, *apud* Paulo Luna)
- JK – mineiríssimo: Atlético, ou Cruzeiro, ou América-MG (como explicamos no capítulo “Geisel, o botafoguense vascaíno”, neste livro) e Vasco
- Jânio – Corinthians
- Ranieri Mazzilli – Palmeiras? (a biografia desse paulista de Caconde não informa seu time de preferência, mas afirma sua estreita vinculação com a colônia italiana e com os diplomatas italianos, o que permite especular que é grande probabilidade de ter sido palmeirense; ademais, tudo indica que gostava de futebol, como vemos no capítulo “Café Filho, o goleiro que virou Presidente da República”, neste livro)
- Jango – Grêmio e Vasco
- Castello Branco – nenhum (ver o capítulo “A futebolização da política”, neste livro)
- Costa e Silva – nenhum (ver o capítulo “A futebolização da política”, neste livro)
- Pedro Aleixo (impedido de tomar posse por uma Junta Militar, atualmente é considerado ex-presidente, cf. Lei 12.486/2011) – América-MG (cf. Carlos Paiva)
- Lyra Tavares – Fluminense (ver o artigo “Somos todos fluminenses”)
- Medici – Flamengo, Grêmio e Guarany de Bagé
- Geisel – Botafogo (ver nosso o capítulo “Geisel, o botafoguense vascaíno”, neste livro)

- Figueiredo – Fluminense (ver o artigo “Somos todos fluminenses”) e Grêmio
- Tancredo – América mineiro
- Sarney – Sampaio Correia
- Collor – CSA
- Itamar – Sport Club de Juiz de Fora
- FHC – Corinthians e Fluminense
- Lula – Náutico, Corinthians e Vasco
- Dilma – Atlético-MG e Internacional de Porto Alegre
- Temer – São Paulo
- Bolsonaro – Palmeiras

O que chama atenção na lista é que não aparece nem um Presidente da República Velha. À primeira vista, porque isso não fazia parte das preocupações da elite política da época.

Considerando os fatos narrados acima, podemos agora incluir algum da República Velha? É tentador sugerir os seguintes nomes com as supostas simpatias:

- Campos Sales – America-RJ
- Rodrigues Alves – Fluminense
- Hermes da Fonseca – Botafogo
- Wenceslau Braz – America-RJ
- Epitácio Pessoa – Fluminense
- Artur Bernardes – Paulistano
- Washington Luís – Paulistano e Vasco

No entanto, trata-se de mera especulação. O fato de comparecer com frequência aos estádios das Laranjeiras e de São Januário não significa necessariamente que eram torcedores de Fluminense e Vasco. É que eram os maiores estádios da capital naquela época. Na realidade, presume-se que não eram necessariamente manifestações de apreço pelos clubes, mas mero aproveitamento político de espaços e oportunidades.

Quanto aos títulos honorários, também não significam muito em termos de identificação do time de preferência. P.ex., depois da República Velha, o vascaíno Vargas foi Presidente de Honra do Fluminense, o flamenguista Dutra foi sócio honorário do tricolor, o flamenguista Medici foi Presidente de Honra do America carioca e o botafoguense Geisel foi Presidente de Honra do Vasco (ver o capítulo “Geisel, o botafoguense vascaíno”, neste livro).

Incluídas as especulações que fiz, por minha conta e risco, devidamente alertadas ao leitor, podemos montar um *ranking* dos clubes de preferência dos Presidentes, apenas para termos uma ligeira noção, mesmo porque alguns Presidentes apresentavam múltiplas preferências e há algumas controversas:

Preferências	Clube
6	Fluminense
5	Vasco
4	Grêmio
3	América-MG, Corinthians e Flamengo
2	America-RJ, Atlético-MG, Botafogo, Paulistano e Palmeiras
1	Alecrim, Cruzeiro, CSA, Guarany de Bagé, Internacional-RS, Náutico, Sampaio Correia, São Paulo, Sport Club de Juiz de Fora



De qualquer modo, como se verifica facilmente, a identificação dos Presidentes da República com os times acabou tornando-se uma tradição da política brasileira. Como diria Paulo Freire, “toda neutralidade afirmada é uma opção escondida”. E, no extremo oposto do espectro político, Nelson Rodrigues (*O Globo*, 16.10.1972):

“*Amigos, eu não sou imparcial e digo mais: – acho que o imparcial só merece a nossa gargalhada. (...) O imparcial é cômico por vários motivos. Primeiro, porque não existe e, apesar disso, faz uma série de coisas: – namora, casa tem filhos etc., etc. Segundo, porque o ser humano pode ter todos os defeitos, e os tem, menos o da imparcialidade.*”

Por esse motivo, se um político alega imparcialidade futebolística, isso pode ser encarado pelo eleitorado como uma falsidade; até mesmo se alega desinteresse, isso pode ser um sinal de fraqueza. Daí que eles preferem perder um ou dois votos dos times adversários a perder muitos de todos os times. E dá-lhe político que se diz torcedor de time com grande torcida quando, como diria Nelson Rodrigues, no íntimo, ele se pergunta “quem é a bola”...

### **Referências bibliográficas**

- ABREU, João Capistrano de. *Correspondência*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. v. 3, p. 70.
- AMADO, Gilberto. Assunto sério. In: PEDROSA, Milton (org.). *Gol de letra*. Rio de Janeiro: Gol, 1967. p. 162-3.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário*. São Paulo: DBA, 2000. p. 45-6, 51.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990. p. 88-94, 100-4, 166.
- CARVALHO, Ney O.R. *Rio de Janeiro: um século e meio de turfe*. Rio de Janeiro: Jockey Club Brasileiro, 1998. p. 21, 35, 37, 45, 56, 70.
- CASTRO, Marcos de. Notas. In: REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008. p. 155.
- COELHO NETTO, Paulo. *História do Fluminense: 1902-2002*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pluri, 2002. p. 24, 61-2, 74, 79, 86, 186.
- COELHO NETTO, Paulo. *O Fluminense na intimidade*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1975. v. 3, p. 29-32.
- CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: ed. do autor, s/d. p. 21.
- DUNLOP, Charles J. *Rio antigo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rio Antigo, 1958. v. 1, p. 101-2; v. 3, p. 82.
- FERNANDEZ, Renato Lanna. *Fluminense Foot-ball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, 2010. p. 120-2.
- FILHO, Mário (Rodrigues). O Fla-Flu de 19. In: MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato (orgs.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram!* Rio de Janeiro: Europa, 1987. p. 43 e ss.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 158-60.
- FILHO, Mário (Rodrigues). *O romance do foot-ball*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1949. p. 77-9, 100.

- GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895 – 1916*. São Paulo: Sesi-SP, 2015. p. 125.
- IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. *Rio Cricket e Associação Atlética*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008. p. 87.
- IORIO, Vitor; IORIO, Patrícia. *Paissandu Atlético Clube*. Rio de Janeiro: PAC, 2001. p. 23-4, 32-4.
- KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil*. São Paulo: Cultura, 2002.
- LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 137.
- LACOMBE, Américo Jacobina. *Afonso Pena e sua época*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. p. 322.
- LIMA, Oswaldo. *Bairro do Caju*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1980. p. 41, 230.
- MALHANO, Clara E.S.M.B.; MALHANO, Hamilton Botelho. *Memória social dos esportes: São Januário – arquitetura e história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 102.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e dos desportos no Brasil*. São Paulo: RT, 1952. v. 2, p. 24.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 64, 66-7, 86-7, 124, 135, 137-8, 146, 170, 182-3, 189, 204-6, 218.
- MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 93 e ss.
- MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *Rodrigues Alves*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973. v. 2, p. 564.
- NASCIMENTO, Paulo Cesar do. *História do automóvel no Brasil*. Campinas: Komedi, 2011. p. 83.
- NOGUEIRA, Armando. O futebol no poder. In: *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 33-5.
- OURIVES, Paulo. *História do futebol campista*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1989. p. 146.
- PINHEIRO, Mauro. O presidente Dutra e os esportes. *Esporte Ilustrado*, nº 413, 07.03.1946, p. 12.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 70-1, 96, 147, 155-8, 176-7, 234.
- PEREIRA, Robson Mendonça. *Washington Luís na administração de São Paulo (1914-1919)*. São Paulo: Unesp, 2010. p. 236.
- RANGEL, Alberto. *Gastão de Orléans: o último Conde d'Eu*. São Paulo: Nacional, 1935. p. 43.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 175.
- RODRIGUES, Nelson. *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 151.
- RODRIGUES, Nelson. O Fla-Flu de 19. In: MARON FILHO, Oscar; FERREIRA, Renato (orgs.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram!* Rio de Janeiro: Europa, 1987. p. 40-2.
- ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: Difel, 2010. p. 151-2.
- SANDER, Roberto. *Sul-Americano de 1919*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009. p. 49, 73.
- SANT'ANNA, Leopoldo. *Supremacia e decadência do futebol paulista*. São Paulo: Instituto Ana Rosa, 1925. p. 72.
- SANTAFÉ, Hélivio. *Centenário do futebol de Campos dos Goytacazes-RJ*. São João da Barra: Luartson, 2012.

- SANTAFÉ, Hélyvio. *Ídolos do esporte: a história do esporte de Campos*. 2ª ed. Campos: Grafimar, 2006. p. 127-8.
- SANTOS, Armando Alexandre dos. Conselhos do Conde d'Eu ao "Príncipe Perfeito". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, a. 159, nº 398, jan./mar. 1998, p. 81.
- SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Senac, 1999. p. 48, 55, 69, 72.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, São Paulo, nº 22, p. 36, jul./ago. 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 55, 70.
- STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. *A história do campeonato paulista*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 1997. ref. ano 1927.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragno de. Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2004. p. 412.
- TORRES, Cesar R. Jogos Olímpicos Latino-Americanos de 1922 – Rio de Janeiro. In: DACOSTA, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 812-3.



*Multidão faz saudação nazista em estádio.*

## **A futebolização da política<sup>2</sup>**

Assim como, com base em Bakhtin, fala-se em “carnavalização”, permito-me falar em “futebolização”. Não é um movimento de mão única. Acarreta reações. À apropriação do futebol pelos políticos e interferência dos políticos no futebol, corresponde uma politização do mundo do futebol e tentativas de interferência do mundo do futebol na política (manifestações políticas de torcidas, dirigentes e jogadores que entram para a política e participam de atos políticos).

Não é novidade o uso do esporte em geral, e do futebol em particular, como instrumento de autopromoção política. Não só por quem detém o poder, mas também por quem o almeja (cf. Estadella) – p.ex., quando os manifestantes pelo *impeachment* de 2016 saíram às ruas com a camisa da seleção. Não só em regimes autoritários, mas também em democráticos – p.ex., quando a seleção brasileira campeã mundial de 1962 voltou ao Brasil, foi recebida pelo ex-jogador João Goulart no Palácio da Alvorada, em 18.06.1962. Claro que o Presidente tentou capitalizar politicamente o fato.

Mas é óbvio que o uso mais evidente e escancarado é feito pelos regimes autoritários. P.ex., o uso da Copa de 78 pela ditadura argentina.

Ademais, competições de selecionados nacionais são, por excelência, oportunidades para esse tipo de governo exacerbar o nacionalismo. P.ex., como fez Perón. Segundo Richard Giulianotti e Gilberto Agostino, em regimes políticos que precisam de espaços públicos grandiosos, é comum a construção de grandes estádios para gerar sentimentos nacionalistas. P.ex., Mussolini e o Estádio Olímpico de Roma (1934), Hitler e o Estádio Olímpico de Berlim (1936), Franco e o Santiago Bernabeu em Madri (1947), Salazar e o Estádio da Luz em Lisboa (1954). No Brasil, entre os grandes estádios públicos: Getúlio e o Pacaembu (1940); Castello Branco e o Mineirão (1965); Costa e Silva e o Batistão (1969); Medici e o Vivaldão (1970), o Rei Pelé (1970), o Pedro Pedrossian (1971), o Machadão (1972), o Castelão (1973), o Albertão (1973) e o Mané Garrincha (1974); Geisel e o Almeidão (1975), o Serra Dourada (1975), o Verdão (1976) e o Mangueirão (1978).

De certo modo, o esporte se presta a essa apropriação por nacionalistas na medida em que tem relações históricas e antropológicas com a guerra. Como bem colocam Tchakhotine, Vinnai, Flávio Pereira, Olavo Bilac, Coelho Netto, Fernando de Azevedo, Elias e Dunning, o esporte prepara para a guerra. Seja porque prepara o físico,

---

<sup>2</sup> Versão revista de artigo publicado originalmente em <[www.webartigos.com](http://www.webartigos.com)>, em 08.05.2012.

seja porque ensina a disciplina e a ordem (Afrânio Peixoto e Monteiro Lobato) e molda o caráter (Gilberto Amado). Até Hitler percebeu isso, ao escrever que:

*“Proporcione-se à nação alemã seis milhões de homens perfeitamente treinados nos esportes, todos ardentes de amor fanático pela pátria e educados no mais elevado espírito ofensivo, e um Estado nacionalista formará deles, se necessário, dentro de menos de dois anos, um verdadeiro exército”.*



*Esporte Ilustrado*, a. 6, nº 271, 17.06.1943, p. 4.

Também Goebbels entendia que o futebol era um instrumento de mobilização popular, tanto que os jogos não foram suspensos na Alemanha e a seleção continuou atuando, mesmo durante a Guerra. Além disso, os locutores usavam termos militares e aproveitavam para noticiar as vitórias das tropas nazistas no *front*.

Se, para Clausewitz, a guerra é a continuação da política por outros meios, pode-se dizer que o futebol é a continuação da política e da guerra por outros meios. Nesse sentido, bem observou Muniz Sodré:

*“Na medida em que incorpora técnicas de exercício corporal numa forma produtiva (aquisição de reflexos, harmonia muscular), o esporte produz necessariamente relações sociais – que permitem caracterizá-lo como uma prática política.”*

E no Brasil?

Aqui, como vimos no capítulo “Futebol e política na República Velha”, neste livro, a futebolização da política só ganhou força mesmo a partir do governo de Epitácio Pessoa. Washington Luís também tirou proveito do futebol e de seus espaços públicos, em especial o estádio de São Januário.

Mas é a partir de 1930, sob Getúlio, que o estádio vascaíno assume o papel de verdadeira ágora grega, espaço não só de eventos esportivos, mas também de concentrações cívicas, culturais e políticas (como o Dia do Trabalho), típicas do Estado Novo. Ele desfilava em carro aberto antes de subir à tribuna de honra. Dispensando a mediação do Legislativo (cesarismo), era lá que Getúlio falava diretamente ao povo, às vezes com a parceria de Villa-Lobos, que regia orquestras e corais. Aproveitava para assinar atos legais em favor dos trabalhadores, como o que criou o salário mínimo, assinado na tribuna de honra de São Januário. A tribuna de honra era o altar do templo em que se cultuava o mito getulista. O futebol, na condição de esporte das grandes massas, se encaixava na estratégia populista e nacionalista de Vargas. De acordo com Maurício Drumond, “o esporte e as festas cívicas funcionavam como a teatralização de uma imagem de ‘nação feliz e longeva’”. Segundo Misha Glenny (*apud* Bowlby e Santos), transformar o futebol em esporte nacional era parte de uma estratégia para unir,

numa só nação, uma população extremamente diversificada. Assim como o samba e o carnaval, os três símbolos culturais da “brasilidade”, de Vargas até hoje.

As grandes celebrações em estádios de futebol ocorriam desde o início do governo Vargas, mas se intensificou o seu uso político a partir do Estado Novo. Eram especialmente utilizados os estádios São Januário (Semana da Pátria, Primeiro de Maio) e das Laranjeiras (Dia do Marinheiro).

É claro que a apropriação política não foi só dos estádios, mas também da própria seleção. Em 1931, já havia Vargas recebido a seleção brasileira que havia derrotado o Uruguai em Montevidéu, na disputa da Taça Rio Branco: “Pela tarde, despachei com os ministros da Justiça e da Educação, e assisti ao desfile dos *footballers* brasileiros que regressaram vitoriosos de Montevidéu”.

Com o tempo, as preocupações populares com o futebol cresceram a ponto de, segundo João Lyra Filho, competirem com os assuntos políticos:

*“O futebol já então constituía o escoamento das angústias do povo. As conversas a seu respeito paravam nas esquinas. A formação de um selecionado brasileiro para competir com uma representação de outro país, tinha mais importância do que a recomposição do governo.”*

Mas a aproximação maior de Vargas com o futebol começou mesmo quando deu apoio à seleção brasileira para a Copa de 1938. Bancou uma polpuda subvenção à seleção. A filha Alzira Vargas virou madrinha do *scratch*. Antes de embarcar para a França, o selecionado foi recebido pessoalmente por Getúlio, que fez questão de cumprimentar os jogadores e ressaltar a importância de sua missão para o futuro do Brasil. A cada vitória, o Presidente recebia vários telegramas de congratulações, como se fosse seu o mérito. Era a mistura do entusiasmo esportivo inflamado pela seleção com o orgulho cívico alimentado pelo Estado Novo. Com isso, o futebol se candidatou a assumir um papel central no projeto ideológico do Estado Novo: a união nacional em torno do nacionalismo de Estado.

Mas intervenção mesmo no esporte, o governo Vargas só fez mesmo, a rigor, a partir de 1941, com o Decreto-lei nº 3.199, de 14.04.1941, que regulamentou o esporte e criou o Conselho Nacional de Desportos (CND), com a função de “orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país”. Lyra Filho, primeiro presidente do CND, fala sobre o assunto em suas memórias. Era o aparelhamento político do esporte.



*“Política é política. Esporte é esporte. Há, entretanto, uma forte corrente que pensa o contrário. Isto é, define a política como um esporte. Uma modalidade esportiva um tanto perigosa, porque em várias ocasiões não há o que de mais belo o esporte apresenta, o espírito esportivo.”* (Texto de Levy Kleiman e fotografias de Newton Viana, para *Esporte Ilustrado*, nº 458, 16.01.1947, p. 4).

E no regime pós-64? Nem todos os Presidentes desse período deram grande atenção ao futebol. Vejamos o que John Dulles diz sobre **Castello Branco**:

*“Embora gozasse de boa saúde, Humberto só participava das atividades esportivas na medida necessária para cumprir as exigências do programa. Não passava momentos de folga desenvolvendo os músculos em barras paralelas no pátio da escola, nem praticava a esgrima, passatempo popular entre os estudantes e no qual os irmãos Kruel eram exímios. Nem jogava futebol ou sequer torcia por qualquer das equipes esportivas favoritas. Seu tempo livre era dedicado à leitura de obras literárias e às colunas políticas dos jornais.”*

**Costa e Silva** também não dava atenção ao futebol. Quando era cadete da Escola Militar, segundo o general Octávio Costa (em D’Araújo *et alii*), gostava de montar cavalo e de jogar vôlei. Durante o exercício da presidência, apreciava palavras-cruzadas, biriba e, sobretudo, era fã incondicional do turfe. Segundo seu filho Alcio (*apud* Koifman), era comum vê-lo com um radinho de pilha por perto, para acompanhar os páreos do dia. Carlos Chagas conta que o Presidente sofria em Brasília, aos domingos, porque não conseguia sintonizar com clareza as rádios do Rio, que transmitiam as corridas do Jockey Club. Até que alguém descobriu que o rádio do Galaxie presidencial era tão potente que captava muito bem as estações cariocas. Daí que não era raro vê-lo nos domingos passeando de carro pelas estradas de Brasília, até encontrar o ponto de melhor recepção, só para ouvir as transmissões e torcer pelos seus cavalos favoritos.

Quando teve a trombose cerebral que o impediu para o exercício do cargo (sobre o assunto, ver nosso artigo “Presidentes brasileiros assassinados”), a suspeita de que algo não andava bem no Palácio começou com sua ausência no Grande Prêmio Brasil, em 31.08.1969.

Enquanto esteve hemiplégico, continuou se inteirando dos resultados do turfe. Recebia os amigos mais íntimos para conversar sobre as corridas do Jockey, que ouvia pelo rádio, “fazendo também as suas apostas, pois este era o seu *hobby* desde a



mocidade” (cf. Mello). Tudo devidamente autorizado pelos médicos, que entendiam que essa distração ajudaria na sua recuperação.

Dos membros da Junta Militar que governou durante a doença de Costa e Silva, o general Lyra Tavares gostava de futebol (ver o artigo “Somos todos fluminenses”). Já o almirante Augusto **Rademaker** era mais eclético. Grande entusiasta dos esportes em geral. Além das atividades ligadas ao mar (regatas, presumo), foi pioneiro no basquete da Associação Cristã de Moços (cf. Koifman). Por fim, o brigadeiro Márcio de **Souza e Mello** tinha por passatempo cuidar de seu próprio orquidário (outro que gostava de cultivar plantas era o general Figueiredo, como vimos no artigo “Somos todos fluminenses”).

Sobre Geisel, ver o capítulo “Geisel, o botafoguense vascaíno”, neste livro; sobre Figueiredo, ver o artigo “Somos todos fluminenses”.

Sem dúvida, o Presidente militar que mais se identificou com o futebol e, por conseqüência, mais tirou proveito dessa identificação, foi Emílio Garrastazu **Medici**. (O general também gostava de hipismo, mas depois que teve problemas na coluna, teve de abandonar o *hobby*.)

Antes de tudo, não é de duvidar da sinceridade do interesse de Medici pelo futebol. Na juventude, foi um bom jogador de futebol, conforme vimos no capítulo “Café Filho, o goleiro que virou Presidente da República”, neste livro. Na maturidade, seu interesse pessoal foi testemunhado por várias pessoas, como Nelson Rodrigues e Antonio Carlos Scartezini. Em relato do general Jayme Portella de Mello, vê-se que, antes mesmo de tomar posse, e em conversas privadas, Medici falava sobre futebol. Geisel completa o quadro com o seguinte relato:

*“Dizia-se que o Medici era omissivo, que o seu tema predileto no despacho era o futebol. Contava-se que o ministro ia ao despacho, começavam a conversar e o Medici dizia: ‘Não, deixa os papéis aí’, e começava a discutir problemas de Grêmio, Botafogo, Flamengo. Depois chamava o ajudante-de-ordens, dava-lhe a papelada e mandava: ‘Entrega ao Leitão’ [de Abreu, ministro-chefe da Casa Civil]. Não sei se isso é verdade, mas foi um estilo de governo, uma forma de governar.”*

Seu interesse era tão grande que ele foi promovido a torcedor número um do país. Nessa condição, não escondeu suas preferências clubísticas: Flamengo, Grêmio e Guarany de Bagé (sua cidade natal). Reza a lenda que, certa vez, de passagem por Curitiba, vindo de Ponta Grossa, Medici mandou que se ligasse para o plantonista da Rádio Clube, Oldemar Kramer, para saber os resultados dos jogos do Flamengo e do Grêmio. A propósito, Cláudia Mattos levanta a suspeita de que muitas vezes a elite social se diz flamenguista como parte de uma estratégia demagógica, uma tentativa de falsa aproximação com as massas. Nesse sentido, Hilário Franco Jr. dá a entender que a escolha do Flamengo por Medici atendeu a uma estratégia de marketing político, dada a enorme torcida do rubronegro, em âmbito nacional.

Independentemente do motivo da escolha, Medici ia ao Maracanã, quase semanalmente, assistir aos jogos do seu Flamengo, e era recebido sob aplausos da torcida. Também foi bastante aplaudido na inauguração do Morumbi. Como bem sintetiza Ronaldo Costa Couto, “uma das imagens mais sólidas e duradouras do Presidente Medici é a de torcedor de futebol, rádio de pilha colado ao ouvido”.<sup>3</sup> Usando de um trocadilho, o jornalista Carlos Chagas disse que Medici realmente foi um estadista, não pelo que governou, mas pelo que frequentou de estádios.

---

<sup>3</sup> Segundo Armando Nogueira, “a galera desconfiava até que aquele radinho de pilha no ouvido do general era pura encenação popularesca”. A considerar os relatos de quem convivia com Medici, acima transcritos, há nessa desconfiança uma dose de exagero.

Economicamente, o governo Medici criou aquilo a que se deu o nome de “milagre brasileiro”, um crescimento do PIB à custa de crédito fácil. Crédito esse que permitiu a comercialização em massa de aparelhos de televisão. A TV prolifera e passa a ser usada como instrumento de promoção do governo. E do futebol, “ópio do povo”.<sup>4</sup>

É o tempo da Loteria Esportiva, prevista desde o governo Costa e Silva (DL 594, de 27.05.1969), mas que só teve seu primeiro concurso no governo Medici, às vésperas da Copa, em 19.04.1970. Como diria Nelson Rodrigues, por outros motivos, “não é por acaso que a Loteria Esportiva coincidiu com o Brasil descoberto em 1964” (*O Globo*, 05.05.1972).

É o tempo da Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp), criada no mandato de Costa e Silva, pelo Decreto 62.119, de 15.01.1968. Encarregada da propaganda do governo Medici, a Aerp construiu uma campanha publicitária em cima da idéia do citado “milagre brasileiro”. Valia-se da TV para hipnotizar e desmobilizar a população mediante uma estética do espetáculo, despolitizada. E não poderia haver espetáculo melhor que a Copa de 1970, a primeira transmitida ao vivo para o Brasil – ver o capítulo “Primeiras transmissões”, em nosso livro *Do fundo do baú*.

É o tempo da censura prévia, consagrada pelo DL 1.077, de 26.01.1970, assinado por Medici. Dela nem a Copa escapou, como vemos na Portaria nº 25, de 25.05.1970 (D.O. de 29.05.1970, p. 4.011):

*“O Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 176 do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965;*

*Considerando que é do interesse a geral e imediata distribuição dos filmes sobre o desempenho do Selecionado Brasileiro de Futebol, na disputa da Taça ‘Jules Rimet’, que será disputada, proximamente, na cidade do México;*

*Considerando que o exame prévio desses filmes, em Brasília, retardaria a sua distribuição, aos circuitos comerciais, de todo o País, em cerca de vinte e quatro (24) horas, fato que contrariaria o desejo do povo brasileiro, resolve:*

*I – de acordo com o artigo 175, item IV, do Decreto nº 56.510, de 28 de junho de 1965, delegar poderes às Turmas de Censura de Diversões Públicas das Delegacias Regionais dos Estados de São Paulo e Guanabara, para procederem ao exame prévio dos filmes produzidos exclusivamente sobre as disputas futebolísticas pela Taça ‘Jules Rimet’, realizadas no México, expedindo os respectivos certificados com a validade normal de cinco (5) anos e para todo o território nacional.*

*a) Wilson A. de Aguiar.”*

Politicamente, de fato, Medici teve a grande sorte de ser brindado pela conquista da Copa de 1970 logo no início de seu mandato. O Presidente aproveitou ao máximo sua identidade com o futebol para futebolizar a política. Saía nos jardins do Palácio da Alvorada em mangas de camisa, com uma bandeira na mão e uma bola no pé (*Veja*, 01.07.1970, p. 20, *apud* Gaspari). Era apresentado nos telejornais fazendo embaixadinhas. Saía em foto cabeceando uma bola. Até em álbum de figurinhas, como se fosse um dos jogadores.

Vejamos o que escreveu o jornalista político Carlos Castello Branco, em coluna publicada em 21.06.1970 (entre colchetes, minhas observações):

<sup>4</sup> Na opinião de Vilém Flusser, o futebol, no Brasil, em vez de alienar, serve para os torcedores estabelecerem laços humanos de conhecimento, emoção e valores, em intensidade e autenticidade inalcançáveis noutras áreas. Se alienação é isolamento da realidade, no Brasil, o futebol faz exatamente o contrário, pois “o proletário se realiza existencialmente no futebol, de forma que tal realização extravase as fronteiras do futebol e invada todos os campos e dê sentido à sua vida”. Daí que, para o autor, “a alienação que propela o proletário rumo ao futebol dá um salto qualitativo e resulta em verdadeiro engajamento”.

*“O General Medici é o primeiro brasileiro que leva à Presidência da República a paixão pelo futebol. Ele não a esconde, nem teria por quê. Antes a demonstra e vive. Os Presidentes da República até ele fizeram suas concessões ao futebol nos momentos de disputa de Copa do Mundo, mas a verdade é que o esporte que atraía o interesse dos Chefes de Estado sempre foi o turfê. Provavelmente pela origem comum das corridas de cavalos e da arte de governar [desde o hipódromo de Bizâncio, que era a arena política do Império], pastos quase que exclusivos de aristocratas. Presidentes, oriundos do Rio Grande do Sul ou não, das Forças Armadas ou não, sempre homenagearam a sociedade brasileira reunida nas tardes e noites brilhantes do Jôquei Clube [em especial seu antecessor, Costa e Silva, mas a tradição vem do Império, como vimos no capítulo “Futebol e política na República Velha”, neste livro]. O General Medici deve ter seu interesse pelas corridas e pelos saltos, mas o fato é que ele é antes de tudo o torcedor de futebol, que tem um time em cada cidade por onde passa ou onde vive [Flamengo, Grêmio e Guarany de Bagé]. Só não se lhe conhece a preferência por clube de Brasília, mas convenhamos que isso seria por enquanto, na época da televisão, um exagero. Hoje, portanto, dia em que se disputa uma final de Taça do Mundo, o presidente é uma espécie de torcedor símbolo e pelo menos no episódio entra em total comunhão com seus governados. O futebol tornou-se entre nós um fator a mais de unidade do Brasil. O jogo de hoje é importante para o Presidente da República na mesma medida em que o é para todos nós. E isso é um acontecimento novo, pois estávamos até aqui acostumados a uma simples atitude governamental de complacência e de estímulo estudado ao futebol. Se o Presidente Medici tem a felicidade dessa co-participação com o povo no futebol, é bom que se diga que, tendo dado aos preparativos da Copa o apoio de praxe, não lhe deverá ser creditada a vitória nem debitada a derrota [acabou ganhando dividendos políticos com a vitória]. Ele será hoje um homem eufórico ou um sofredor, independentemente das suas responsabilidades presidenciais. Eufórico ou sofredor como qualquer um de nós.”*

Na final, o Presidente deu o palpite certo de 4x1 para o Brasil. Jarbas Passarinho conta que Medici pensara em responder 2x1, mas preferiu chutar um resultado mais otimista para não parecer que estava desconfiando da capacidade da seleção. Depois, decretou feriado nacional para receber os jogadores. Recebeu-os pessoalmente no Palácio do Planalto. Capitalizou o sucesso da seleção ao máximo que pôde. Os dividendos políticos da conquista da Copa renderam a Medici uma aprovação popular superior a 70%.

Segundo Nicolau Sevcenko, com o tempo, os governantes aprenderam a estimular e tirar proveito *“dos momentos de catarse e união nacional espontânea, procurando convertê-los em legitimação emocional de seus próprios projetos políticos. As vitórias nas Copas do Mundo vieram consagrar esse processo. Identidade nacional, futebol, nacionalismo, carnaval e união de todos viraram praticamente sinônimos. Se com o futebol as pessoas tentavam compensar toda a riqueza dos laços afetivos de que se viram privadas pelo advento da Revolução Científico-Tecnológica e das grandes cidades, com a globalização dos meios de comunicação e as políticas de massas, o futebol tem se tornado uma espécie de carta de penhor do populismo, agitada em contrapartida a essa enorme demanda emocional, como se os líderes ao afagarem essa dívida afetiva criassem um sucedâneo simbólico para as carências relegadas com cínica indiferença.”*

Medici não se contentava em dar palpites, como o da final da Copa. Dizem as más-línguas que também buscava impor suas opiniões. Refiro-me, evidentemente, ao famoso episódio Dario. Reza a lenda que, na inauguração do estádio Beira-Rio, um repórter teria comentado com João Saldanha que Medici queria Dario na seleção, ao que

perguntou se ele não o convocaria. Saldanha teria respondido que, como Medici não o havia consultado sobre a formação de seu gabinete de governo, Saldanha não precisava da opinião de Medici para a escalação da seleção. Verdade ou mito?

Se for verdade, Medici teria aproveitado esse raciocínio em episódio posterior. Quando recebeu a visita do cardeal arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, disse a ele: “que o senhor cuide da sua Igreja e que eu cuide do meu governo”.

Mas Jarbas Passarinho nega peremptoriamente que Medici tenha dado pitaco na escalação de Dario e que, se tivesse, não aceitaria a grosseria de Saldanha sem resposta. Muitos autores e cronistas da época lembram que a seleção estava tendo resultados pífios e Saldanha ameaçava cortar Pelé dizendo que estava míope. Além disso, Saldanha também se desentendeu com o médico da seleção, Dr. Lídio Toledo, e com o preparador físico, Admildo Chirol. Tinha um gênio reconhecidamente difícil.

Também foi dito que Saldanha teria denunciado, no exterior, a ocorrência de prisões arbitrárias, tortura e assassinatos de presos políticos. O mais incrível foi o governo aceitar um técnico militante do PCB. Há algumas explicações, p.ex., de que ele seria um boi-de-piranha, num mandato-tampão até a escolha do técnico que iria para a Copa. Outros dizem que havia uma tolerância recíproca porque ambos eram gaúchos.

De qualquer modo, quando o substituiu, Zagalo providenciou a convocação de Dario, tal como sugerira Medici. Mais importante que isso, diz-se que a queda de Saldanha abriu as portas para a militarização do futebol. Basta ver a comissão técnica da Copa de 1970: chefiada pelo major-brigadeiro Jerônimo Bastos, então presidente do CND; segurança a cargo do major-aviador Roberto Guaranys, supervisão do capitão Cláudio Coutinho, preparação física assessorada pelos capitães Kléber Camerino e Benedito Bonetti, preparação de goleiros a cargo do subtenente Raul Carlesso.

Não podemos nos esquecer que o governo Medici é o dos *slogans* patrióticos divulgados pela Aerp, como “Brasil, conte comigo”, “Brasil, ame-o ou deixe-o”, “ninguém segura este país”, “ontem, hoje, sempre, Brasil”. Da música em que Dom e Ravel cantavam “eu te amo, meu Brasil, eu te amo”. Sobretudo, é o tempo da marchinha *Pra frente, Brasil*, de Miguel Gustavo, que começou como um jingle de um comercial e acabou virando um hino extraoficial do seu próprio governo. Porque traz uma incrível síntese da ideologia que a Aerp queria divulgar, vejamos:

*“Noventa milhões em ação, [idéia de massa]*  
*Pra frente, Brasil [patriotismo e otimismo]*  
*Do meu coração! [patriotismo e sentimentalismo]*  
*Todos juntos vamos, [“ame-o ou deixe-o”]*  
*Pra frente, Brasil,*  
*Salve a seleção!*  
*De repente é aquela*  
*Corrente pra frente, [otimismo]*  
*Parece que todo o Brasil deu a mão. [“ame-o ou deixe-o”]*  
*Todos ligados na mesma emoção, [idem]*  
*Tudo é um só coração. [idem]*  
*Todos juntos vamos,*  
*Pra frente, Brasil, Brasil,*  
*Salve a seleção!”*

Elio Gaspari lembra que versinhos patrióticos, como os dessa marcha, empanturravam as transmissões dos jogos e depois eram entoados nas ruas pelos torcedores. A própria oposição armada, na época, sofria o dilema: torcer pelo Brasil seria o mesmo que torcer pela “ditadura”? Mesmo assim, em geral, acabavam torcendo e ouviam os jogos até quando estavam presos. “Todos ligados na mesma emoção”,

guerrilheiros e presos políticos também acabavam formando mais um elo da “corrente pra frente”. Eis o diagnóstico de Roberto Ramos:

*“A Copa de 70 serviu para legitimar o governo do general Emílio Garrastazu Medici. Ele chegou ao poder por vontade de uma minoria. Não teve voto direto nem qualquer tipo de apoio das bases. Foi um presidente biônico. Então, buscou uma identificação popular no futebol. O que atingiu o seu clímax com a conquista do campeonato mundial, acobertando o autoritarismo e a repressão.”*

Sob os bons ares do tricampeonato mundial, na mensagem de fim de ano de 1970 para 1971, Medici prometeu que pretendia criar oportunidades para a realização total da juventude, “até mesmo no esporte, sob a inspiração das alegrias do povo nas memoráveis vitórias que marcaram este ano”. Apesar disso, segundo Marcus de Oliveira, a política esportiva do governo de então “conquistou corpos e mentes para a ‘causa’ esportiva, menos no que se refere à prática de atividades físicas, e mais no tocante ao consumo do produto esportivo de massa”.

Ainda no vácuo da Copa, em 1971, foi criado “Torneio General Emílio Garrastazu Medici”, mais conhecido como “Torneio do Povo”, disputado até 1973 (ver nosso texto *Sobre a unificação dos títulos brasileiros*). Um nome oficial laudatório e um apelido demagógico. Como bem observa Marcus de Oliveira, o uso populista do esporte não é prerrogativa de ditaduras, tampouco do Brasil. Mas nesse período específico pós-70, esse uso foi inequívoco. Como bem resume o autor:

*“Não há como separar o desenvolvimento do esporte brasileiro das influências militares e dos seus usos ideológicos. Mas isso não é o mesmo que admitir leituras conspiratórias que vêem no esporte o grande trunfo da Ditadura Militar para consignar os seus objetivos políticos. O esporte não era mais do que um dos planos de intervenção da Ditadura, que agiu na direção de afirmar-se pela adesão de grandes parcelas da população brasileira, ao mesmo tempo em que reprimia com crueldade os descontentes com os rumos da política daqueles anos. O resultado da combinação dessas dimensões produziu um vácuo democrático de 21 anos na cena política brasileira, ao mesmo tempo em que abriu as portas do Brasil para grandes fenômenos de massa, tais como a cultura do shopping center, com todos os seus subprodutos, a televisão e a mentalidade esportiva.”*

Também em 1971, foi instituído o Campeonato Nacional, para movimentar o país todo e não apenas alguns estados (ver nosso texto *Sobre a unificação dos títulos brasileiros*). Como bem apontou o General Golbery, a integração nacional era um objetivo estratégico do regime pós-64.

Numa perspectiva ideal, o Campeonato Nacional cumpria essa tarefa. Na prática, porém, cumpria outra ainda mais importante para o regime: atendimento a interesses políticos locais da Aliança Renovadora Nacional, que era o partido de apoio ao governo militar. Prova disso é a famosa frase atribuída ao Almirante Heleno Nunes (presidente da CBD/CBF de 1975 a 1980): “onde a Arena vai mal, um time no Nacional”. E tem o complemento: “onde a Arena vai bem, mais um time também”. Sendo ou não dele a autoria da frase, fato é que a colocou em prática. No campeonato de 1975, 42 participantes; no de 1976, 54; no de 1977, 62, no de 1978, 74; e no de 1979, 94 clubes.

A CBD/CBF era obrigada a ceder aos mais variados interesses, incluindo clubes do interior e de estados menos populosos, sempre em nome da integração nacional. Os clubes ingressavam conforme os interesses políticos, de quem tinha influência e poder e desejava ver o clube local atraindo grandes times para sua base eleitoral, bem como de quem queria integrar as delegações inchadas, já que os custos das viagens ficavam por conta do CND e da CBD/CBF. P.ex., o Itabuna foi convidado para o campeonato de 1978 em atendimento a um pleito de produtores de cacau da região e também do

governador do estado, que queria tomar a prefeitura então ocupada por um prefeito do MDB (Movimento Democrático Brasileiro, partido de oposição). Em suma, o Estado se aproveita do futebol e vice-versa.

Essa transformação do futebol em cabo-eleitoral da Arena teve seu grande momento na criação de um time de futebol. Quem nos conta é Roberto Assaf:

*“O Volta Redonda era o retrato fiel da influência política no Brasileiro: o objetivo de sua criação pelo Governo Militar, em 1976, foi o de deixar distraída em torno dos jogos do clube toda a população do Vale do Paraíba, no sul do estado, área definida à época como de ‘segurança nacional’, onde ergueu-se na década de 40 a Companhia Siderúrgica Nacional, a maior da América do Sul. O clube era comandado por Isinaldo Gonçalves, presidente da Arena municipal e chefe de gabinete do prefeito, seu irmão Nelson Gonçalves. (...) A população, no entanto, continuou torcendo pelos clubes do Rio.”*

Vê-se, com esse exemplo, que o esporte realmente se tornou uma questão de Estado. A idéia era utilizá-lo para canalização dos impulsos contestatórios da população – como o circo romano (*pannis et circencis*) e o hipódromo bizantino.

Com o Almirante Heleno Nunes na presidência da CBD/CBF, sob intervenção desde 1975, manteve-se o processo de militarização do futebol. A começar pela comissão técnica da seleção brasileira: chefe da delegação coronel Tinoco Marques, secretariado major Kléber Camerino, assessoria tenente Osvaldo Costa Lobo, supervisão major Carlos Cavalheiro, preparação física tipicamente militar, ministrada pelo capitão Cláudio Coutinho e pelo tenente Raul Carlesso. Em 1977, trocou o treinador Oswaldo Brandão por Cláudio Coutinho, um Capitão do Exército que “descrevia seus jogadores à imprensa como uma ‘unidade levemente armada’ e chegava a adornar seus campos de treino com símbolos patrióticos e bandas militares” (cf. Branco). Como diz Hilário Franco Jr., “era a pátria de chuteiras e de boina militar”.

Fora do campo mas ainda dentro do estádio, também se processou uma verdadeira militarização das torcidas organizadas. Quem notou isso foi Maurício Murad:

*“Seguindo as doutrinas e os padrões de organização do militarismo então vigente, que se entranhava em todos os setores da sociedade. Estas torcidas se estruturam e ‘pelotões’, ‘destacamentos’, ‘tropas-de-choque’ etc. Seus líderes são chamados ‘capitães’, ‘tenentes’, ‘sargentos’. Seus símbolos são militares, como também o são suas relações de poder, hierarquia interna e comportamento grupal”.*

O que se nota pelo que foi dito até aqui é que há uma dialética entre a futebolização da política e a militarização do futebol: enquanto a política se aproveita do futebol, o futebol é infiltrado por um verdadeiro *ethos* militar. Ou seja, enquanto a futebolização atinge a aparência da política, a militarização atinge a essência do futebol. Em resumo, é uma dialética assimétrica. O que ambos os movimentos têm em comum é que são movidos por um interesse político.

Às vezes, porém, o uso que os políticos fazem do futebol pode acabar revertendo contra eles mesmos. É quando o mundo do futebol olha para além dos muros do estádio e aponta suas armas para o mundo da política. Tal como em Bizâncio, quando os “Verdes” e os “Azuis”, um belo dia, deixaram de lado suas disputas no hipódromo e fizeram uma revolta popular de grandes proporções. É quando o “circo” percebe que o verdadeiro picadeiro está fora da lona.

Um caso interessante foi protagonizado pelo Flamengo, durante a grave crise político-militar por que passava o governo de Getúlio, em 1954. Aconteceu que o rubronegro Carlos Lacerda, opositor ferrenho, foi solicitar ao general Canrobert

(torcedor do São Cristóvão) que depusesse o vascaíno Vargas. Canrobert se esquivou, dizendo:

- *Não, não vou ajudar a botar tanque na rua, como no 29 de outubro de 45 [fim do Estado Novo], para depois sermos chamados de fascistas. Dessa vez, só com moções de toda a parte. Só se vier para o Exército tudo quanto é moção. Todo mundo pedindo, até o Clube de Regatas do Flamengo.*

Lacerda respondeu: “não seja por isso”. Articulou com seus amigos rubronegros e conseguiu, até para sua própria surpresa, uma moção do Flamengo pedindo a renúncia de Getúlio. (Embora rubronegro, em 1966, o elitista Lacerda foi comparado ao Fluminense pela campanha de seu adversário Chagas Freitas, que quis se identificar com o Flamengo, de maior torcida.)

Dez anos depois, os clubes foram novamente usados, dessa vez para ajudar na articulação que acabou por derrubar o governo Jango. Era importante atrair os clubes de futebol porque seus dirigentes eram da elite, seus sócios da classe média e seus times arrastavam grandes massas de torcedores das classes populares. Segundo René Armand Dreifuss, os clubes envolvidos na conspiração, em São Paulo, foram: a Portuguesa de Desportos, o Palmeiras, o São Paulo (cujo vice-presidente, Manoel de Carvalho, era um dos líderes civis do movimento) e o Corinthians, “cujo presidente, Wadi Helou, fora contactado por João Batista Silva Azevedo, vereador pelo Partido Libertador e articulador do movimento dentro do Clube de Regatas Tietê e levado por Carlos Brancante ao General Menna Barreto”.

Note-se que a intervenção do futebol na política, nesses dois exemplos (1954 e 1964), não foi espontânea, mas por provocação do mundo político. Mas há casos em que ela é espontânea, surgindo por iniciativa de personagens do próprio mundo do futebol.

Às vezes, por iniciativa de **dirigentes esportivos**. P.ex., em outubro de 1978, Francisco Horta, presidente do Fluminense, deu a seguinte declaração: “*A causa principal da decadência do nosso futebol é a militarização. Temos de voltar, o quanto antes, ao poder civil no futebol*”. Outro exemplo: Márcio Braga, cartola do Flamengo, elegeu-se deputado federal (PMDB-RJ) – com o apoio da torcida, é claro – e colocou-se a favor das diretas.

Outras vezes, por iniciativa dos próprios **jogadores**. P.ex., Jorge Ferreira lembra o episódio ocorrido em dezembro de 1976, quando da morte de João Goulart (ver nosso artigo “Presidentes brasileiros assassinados”). No estádio Beira Rio, os jogadores do Internacional – em que Jango havia sido campeão juvenil – resolveram homenageá-lo com um minuto de silêncio antes da partida que jogariam. Só que foram impedidos pela polícia, para contrariedade de jogadores, de dirigentes e principalmente da torcida, que vaiou os policiais.

Outro caso ocorreu próximo às eleições de 1982, quando a “Democracia Corinthiana” votou para estampar nas costas das camisas do time a frase “Vote no dia 15”. Eram eleições importantes para a consolidação da abertura política. Aliás, o Corinthians venceu o campeonato com a palavra “democracia” impressa nas costas. Foi bicampeão em 1983, quando entrou em campo com uma faixa em que se lia: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”. Por fim, em 1984, os jogadores corintianos Sócrates e Casagrande, junto com o narrador Osmar Santos, participaram ativamente dos comícios em favor da Emenda Dante de Oliveira, das eleições diretas.

Outras vezes, por iniciativa das **torcidas**. P.ex., em 1979, a torcida corintiana entrava em campo com uma faixa em que pedia: “Anistia ampla, geral e irrestrita”. Outro exemplo é a criação da torcida organizada Flá-Diretas, vista com frequência nas



manifestações e nas reuniões dos comitês cariocas em favor da Emenda Dante de Oliveira.

Caso interessante envolvendo dirigentes, jogadores e torcida rivais ocorreu em 1984. Na final do Campeonato Brasileiro de 1984, em 27.05.1984, quando houve um raro momento de unanimidade das torcidas: 128.781 tricolores e vascaínos fizeram um coro de “diretas já” que chegou a abafar o Hino Nacional. O jogo terminou 0x0, Fluminense campeão.

Só que, depois, uma delegação do tricolor foi a Brasília entregar a faixa de campeão brasileiro ao Presidente João Figueiredo, tricolor confesso (ver o artigo “Somos todos fluminenses”). Foi quando cinco jogadores – Paulo Vítor, Aldo, Branco, Jandir e Washington – foram fazer uma visita a Paulo Maluf, então candidato do PDS à Presidência da República, e lhe deram uma camisa do clube. Apesar de o presidente do Fluminense, Manoel Schwartz, e o apoiador Delei declararem que essa visita não refletia o pensamento do clube nem do elenco, o Flamengo aproveitou a deixa: diretoria e time declararam abertamente apoio a Tancredo Neves, candidato do PMDB.

Por isso que, em 20.09.1984, na final da Taça Guanabara, a torcida rubronegra levou faixas ao Maracanã, em que se lia: “Maluf é corrupção, Tancredo é a solução”. E o Flamengo venceu por 1x0. No Fluminense, o supervisor Newton Graúna e o técnico Luís Henrique responsabilizaram o episódio de Brasília. Mas depois passou. Tanto que o tricolor terminou campeão carioca de 1984.

Mais recentemente, por conta de nova crise política, as torcidas do Palmeiras (em 2015) e do Flamengo (em 2016) manifestaram-se contra o governo Dilma. O “ópio do povo” nem sempre dá conta de seu papel.

Para finalizar, cumpre lembrar que o Presidente Figueiredo patrocinou um jogo entre Flamengo e Corinthians, com portões abertos, para “agradar a galera”. Pois foram justamente esses os clubes cujas torcidas se manifestaram mais ativamente pela democratização. Isso confirma que a futebolização da política pode acabar revertendo contra os próprios políticos que a promovem. Mas isso é apenas uma possibilidade, não uma certeza. Daí o risco calculado que alguns demagogos preferem correr até hoje.

Fontes:

- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 139 e ss.
- AMADO, Gilberto. Futebol, questão de caráter. In: SENNA, Homero (org.). *Seleção de Gilberto Amado*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. p. 118-22.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 89-91.
- ASSAF, Roberto. *História completa do brasileiro*. São Paulo: Areté, 2010. p. 41, 69-70, 77, 86, 145.
- ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato carioca: 96 anos de história*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997. p. 526.
- ASSIS, Paulo de. Função social do futebol. In: *Concurso literário: 60 anos de futebol no Brasil (1894-1954)*. São Paulo: FPF, 1955. p. 428.
- AUGUSTO, Agnaldo Del Nero. *Medici: a verdadeira história*. Belo Horizonte: Formato, 2011. p. 22.
- AZEVEDO, Fernando de. *Da educação física*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960. p. 75.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

- BELLOS, Alex. *Futebol: o Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 266, 319-20.
- BILAC, Olavo. Salamina. In: *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 391-3.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 121 e ss.
- BOWLBY, Chris; SANTOS, Tatiana. Brasil: onde esporte e política sempre se misturam. *BBC History Brasil*, a. 1, nº 2, 2014, p. 10-11.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 3ª ed. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 69 e ss.
- BRANCO, Celso. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória social dos esportes*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. v. 2, p. 214 e ss.
- CAMARGO, José Maria de Toledo. *A espada virgem: os passos de um soldado*. São Paulo: Ícone, 1995. p. 160.
- CARVALHO, Ney O.R. *Rio de Janeiro: um século e meio de turfe*. Rio de Janeiro: Jockey Club Brasileiro, 1998. p. 194.
- CARVALHO, Yara Maria de. *O "mito" da atividade física e saúde*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 70 e ss.
- CASTELLO BRANCO, Carlos. *Os militares no poder*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. v. 3, p. 585-6.
- CHAGAS, Carlos. *A guerra das estrelas*. 4ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1985. p. 9.
- CHAGAS, Carlos. *113 dias de angústia: impedimento e morte de um presidente*. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1979. p. 120.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Lisboa: P&R, 1976. p. 87-8, 735-44.
- COELHO NETTO, Henrique Maximiniano. *Falando...: discursos na Câmara, discursos literários*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1919. p. 298-300.
- COSTA, Maurício da Silva Drumond. Os gramados do Catete: futebol e política na era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória social dos esportes*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. v. 2, p. 107-32.
- COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: UFF, 2014.
- COUTO, Ronaldo Costa. *História indiscreta da ditadura e da abertura*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 115.
- COUTO E SILVA, Golbery do. *Conjuntura política nacional: o Poder Executivo & geopolítica do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981. p. 74, 92.
- COUTO E SILVA, Golbery do. *Planejamento estratégico*. 2ª ed. Brasília: UnB, 1981. p. 445 e ss.
- CURY, Levy. *Um homem chamado Geisel*. Brasília: Horizonte, 1978. p. 35.
- D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (orgs.). *Ernesto Geisel*. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 284.
- D'ARAUJO, Maria Celina et alii (orgs.). *Visões do golpe: a memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. p. 86-7.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 385-7.
- DROSDOFF, Daniel. *Linha dura no Brasil: o governo Medici 1969-1974*. São Paulo: Global, 1986. p. 158-9.

- DRUMOND, Maurício. O esporte como política de Estado: Vargas. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 214, 230, 236, 239-41.
- DULLES, John W.F. *Castello Branco: o caminho para a presidência*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979. p. 12.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, s/d. p. 16, 203-4, 242.
- ESTADELLA, Antonio Franco. *Esporte e sociedade*. Rio de Janeiro: Salvat, 1978. p. 134 e ss.
- FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 676.
- FICO, Carlos. *O grande irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 233.
- FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 99-100.
- FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 141-54, 170-1.
- FRANZINI, Fabio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 71.
- FREITAS, Francisco Mauri de Carvalho. *A miséria da educação física*. Campinas: Papirus, 1991. p. 31-3.
- FREIXO, Adriano de. *Futebol: o outro lado do jogo*. São Paulo: Desatino, 2014.
- GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* 28ª ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. p. 185.
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 207.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. p. 94.
- GONÇALVES, Domingos. *Memória histórica da Brigada de Infantaria Pára-quedista*. Rio de Janeiro: Viaman, 2010. v. 1, p. 189.
- GONÇALVES, José Esmeraldo. Futebol e poder: algumas reflexões sobre o jogo da política. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (org.). *Esporte e poder*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 20 e ss.
- GUARESCHI, Pedrinho. A realidade da comunicação – visão geral do fenômeno. In: *Comunicação & controle social*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 14 e ss.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: Eduff, 1998. p. 52-3.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 71 e ss., 144, 161 e ss., 206.
- HITLER, Adolf. *Minha luta*. São Paulo: Moraes, 1983. p. 342.
- KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil*. São Paulo: Cultura, 2002.
- LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 167-8.
- LEAL, Renata. Dá para apagar o passado? Os alemães remodelaram o Estádio Olímpico de Berlim para que ele seja lembrado no futuro como palco da final da Copa – e não mais como sede das Olimpíadas de Hitler. *Época*, 19.06.2006, p. 98-9.
- LEONELLI, Domingos; OLIVEIRA, Dante de. *Diretas já: 15 meses que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 337, 513.

- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983. p. 87-98.
- LYRA FILHO, João. *Cachimbo, pijama e chinelos: memórias*. São Paulo: Edaglit, 1963. p. 260, 264.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. p. 51 e ss.
- MALHANO, Clara E.S.M.B.; MALHANO, Hamilton Botelho. *Memória social dos esportes: São Januário – arquitetura e história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 14.
- MARIANO, Nilson. *As garras do condor*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 307.
- MATTELART, Michèle e Armand. *O carnaval das imagens*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. p. 49 e ss.
- MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 76-7.
- MEDICI, Emílio Garrastazu. *Tarefa de todos nós*. Brasília: Imprensa Nacional, 1971. p. 34-5.
- MEDICI, Roberto Nogueira. *Medici, o depoimento*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. p. 84.
- MELLO, Jayme Portella de. *A Revolução e o governo Costa e Silva*. Rio de Janeiro: Guavira, 1979. p. 835-6, 919, 923, 954.
- MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 131-3, 263.
- MONTEIRO LOBATO, José Bento. Futebol. In: *Literatura do minarete*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1969. p. 180.
- MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996. p. 149-50, 168-9.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História, Questões & Debates*, Curitiba, nº 39, p. 121-51, jul./dez. 2003.
- NOGUEIRA, Armando. O futebol no poder. In: *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 33-5.
- NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória*. Rio de Janeiro: Senac, 2006. p. 166-7, 174-5.
- OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964-1985). In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 387 e ss.
- PASSARINHO, Jarbas. *Um híbrido fértil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996. p. 416-8.
- PEIXOTO, Afrânio. A educação nacional: a educação física, intelectual e cívica e a defesa nacional. In: *Poeira da estrada: ensaios de crítica e de história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1918. p. 282 e ss.
- PEREIRA, Flávio Medeiros. *Dialética da cultura física*. São Paulo: Ícone, 1988. p. 68 e ss., 254 e ss.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 336-7.
- RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 35 e ss.

- REIS, Daniel Aarão. O sol sem peneira: o apoio da sociedade civil foi fundamental para a longa vida da ditadura militar no Brasil. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, a. 7, nº 83, p. 31-5, ago. 2012.
- RODRIGUES, Nelson. *Brasil em campo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 73.
- RODRIGUES, Nelson. *O reacionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 131 e ss., 154-5.
- SANDER, Roberto. *Taça de Prata de 1970: o Campeonato Brasileiro mais difícil de todos os tempos, conquistado pelo Fluminense*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010. p. 12.
- SANTOS, Daniel de Araujo dos. *Onde a Arena vai mal, um time no nacional: a criação do campeonato brasileiro de futebol em 1971*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 81 e ss.
- SARMENTO, Carlos Eduardo (org.). *Chagas Freitas*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 101.
- SCARTEZINI, Antonio Carlos. *Segredos de Medici*. São Paulo: Marco Zero, 1985. p. 16-7.
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O Estado espetáculo*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastinos. *Revista USP*, São Paulo, nº 22, p. 36-7, jul./ago. 1994.
- SILVA, Sidney Barbosa da. *Torneio do Povo*. Itapevi: Campeões, s/d. p. 2.
- SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha: uma vida em jogo*. São Paulo: Nacional, 2007. p. 338 e ss.
- SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. p. 217-8, 221-4.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 221 e ss.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala*. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 138.
- TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 201-2.
- TUBINO, Manoel José Gomes. *O esporte no Brasil: do período colonial aos nossos dias*. São Paulo: Ibrasa, 1996. p. 45 e ss.
- VAQUEIRO, Arturo de O.V. *Acima de tudo rubro-negro: a história do Clube de Regatas do Flamengo*. Cabo Frio: World Press, s/d. p. 230-1.
- VARGAS, Getúlio. *Diário*. São Paulo: Siciliano, 1995. v. 1, p. 164.
- VILARINHO, Carlos Ferreira. *Quem derrubou João Saldanha*. Rio de Janeiro: LivrosdeFutebol.com, 2010.
- VINNAI, Gerhard. *El fútbol como ideología*. 4ª ed. México: Siglo Veintiuno, 1986. p. 129.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 298 e ss.



### **Barão do Rio Branco, Presidente de Honra do America<sup>5</sup>**

José da Silva Paranhos Jr. (1845-1912), o Barão do Rio Branco, quando jovem, praticava esportes com mais assiduidade que a mocidade de sua época. Especialmente a equitação e a esgrima – manejava bem o florete, chegando a bons resultados. Considerava o duelo de espadachins algo que mantinha um bom físico porque, para o manejo da espada, é necessário um mínimo de agilidade e de vigor físico, ao contrário do esforço que exige apertar um gatilho. Apesar disso, também treinou tiro-ao-alvo, com pistola. Mas nunca chegou a duelar pela honra.

Também ensaiou praticar natação e pedestrianismo. Somente aos 45 anos abandonou a esgrima. E, depois que embarcou para os EUA, adotou uma vida mais sedentária, por conta da falta de tempo – dedicado exclusivamente ao trabalho, nunca tirou férias durante 40 anos.

O Barão nunca jogou futebol. Em compensação, se interessou pelo esporte. E bem cedo. Como é sabido, a famosa partida de Charles Miller foi em 1895. Pois em 07.04.1896, ele escreveu, de Paris, uma carta para seu amigo Silveira Martins, em que demonstra grande conhecimento sobre o jogo e não esconde seu entusiasmo. Vejamos os seguintes trechos (*apud* Lafayette Pereira e Lyra Filho):

*“Hoje, às 3 horas, há a última partida de football entre os melhores jogadores de Paris e o Club de Coventry, que possui uma das mais célebres turmas de football da Inglaterra. A partida será muito interessante, talvez mais do que a de ontem, a que Hilário [Hilário de Gouvêa, ocultista e cunhado de Joaquim Nabuco, professor exilado*

<sup>5</sup> Versão revista de artigo publicado originalmente em <[www.webartigos.com](http://www.webartigos.com)>, em 08.05.2012.

da Faculdade de Medicina do Rio] assistiu com uma das filhas. Mando-lhe esta notícia, porque pareceu-me anteontem que Madame Silveira Martins desejava assistir a um match internacional, e estou convencido de que o espetáculo o interessará também. Esse gênero de sport deveria ser introduzido no seu Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas, onde o clima permite tais exercícios.

(...)

Meu filho Paulo, estudante de Medicina, é o arrière [zagueiro] da equipe francesa, sendo tido como o melhor do país. No mundo dos sports atléticos, aqui, chamam-no Da Sylva, estando-lhe confiada a última defesa do campo quando os ingleses forcarem – como hão de forçar – as três linhas de avantes, demais e trois-quarts.

Ontem, o Paulo atirou ao chão todos os ingleses que pôde, até cansar, mas eles são muito superiores aos franceses em disciplina e na arte de passar o balão. Aquele que era atirado ao chão pelo Paulo lançava o balão a outro inglês muito distante, e este, sem encontrar franceses, porque todos perseguiram o primeiro, fazia o ponto [gol].”

Vê-se, nessa carta, que o Barão expressa grande interesse e conhecimento do jogo. Chega a ser um visionário, prevendo a disseminação do futebol no Brasil. Seu erro foi excetuar os estados de clima mais quente, como o Rio de Janeiro. Mas nisso não estava sozinho. Em 1914, o escritor inglês Alured Gray Bell (*apud* Leonardo Pereira) espantava-se com a popularidade do futebol em cidades quentes como o Rio:

“No Rio de Janeiro, o clima exacerbado faz de esportes de todos os tipos uma atividade muito severa para o corpo humano durante pelo menos cinco meses por ano. Por isso é um pouco surpreendente que, em uma pesquisa recentemente realizada por um jornal carioca junto aos seus leitores, sobre qual o preferido dos esportes, o futebol encabece a lista.”

Talvez depois o Barão tenha mudado de opinião sobre a prática do futebol no Rio, já que apoiou a vinda do selecionado argentino à cidade, onde jogou três amistosos, em julho de 1908. O grande sucesso do evento foi testemunhado por Olavo Bilac, que assim escreveu em crônica publicada na *Gazeta de Notícias* de 12.07.1908:

“Haverá hoje lugar, no cérebro do Rio de Janeiro, para qualquer idéia que não se refira à batalha final do foot-ball, entre o scratch argentino e o scratch brasileiro? Não creio. O que hoje governa e domina a cidade é a bola que vai decidir a pendência, no campo de Paissandu. Daqui a pouco, andarà ela aos saltos, entre os dous redutos rivais. E com ela saltarão todos os corações, da esperança para o desespero e do desespero para a esperança...”

O Barão contribuiu com dez contos de réis para custeio das despesas da seleção argentina na cidade, assistiu às partidas junto à “sociedade mais fina do nosso meio chic” e, ao fim da excursão, promoveu um “luncheon” no Palácio Itamaraty, para saudar os “distintos turistas da Argentina em visita ao Rio”. Sobre o episódio, assim escreveu José Lins do Rego (*Jornal dos Sports*, 22.04.1945):

“Brilharam os homens do Prata, em prélios que encheram os jornais de comentários. Em visita que fizeram ao condutor de nossa política exterior, foram os nossos hóspedes saudados pelo próprio chefe do Itamarati. E em palavras de grande entusiasmo, o ministro Rio Branco falou aos atletas amigos, mas aproveitou o momento para dirigir-se aos seus patrícios, concitando-os à prática dos esportes como elemento de formação da nacionalidade. Havia em Rio Branco a verdadeira formação do estadista. O homem que dilatou as nossas fronteiras, dando-nos imensas áreas de terras, sabia o quanto valia a um povo em juventude a prática de exercícios que não só nos dessem corpos de homens robustos, mas o espírito das competições, o arrojo das

*disputas, o engenho da seleção de equipes. E voltava-se para a mocidade de seu país, numa saudação aos rapazes do sul, em conselhos que revelam o homem admirável, que entre os anglo-saxões aprendera a dar a devida importância aos jogos atléticos. Rio Branco queria que os seus patrícios fossem de verdade homens de alma limpa e corpo são.”*

Fato é que o Barão virou um notório simpatizante do America Football Club e amigo de seu grande ídolo, Belfort Duarte. Por isso, em 1909, o clube resolveu dar ao então Ministro das Relações Exteriores o título de Presidente de Honra. Segundo Orlando Cunha e Fernando Valle, o Barão aceitou prazerosamente a homenagem. Recebeu em audiência, no Palácio do Itamarati, a diretoria do America, que lhe trouxe o seguinte comunicado:

*“Ao Exmo. Sr. Barão do Rio Branco, M.D. Ministro das Relações Exteriores e Presidente Honorário do America F.C.*

*Rio de Janeiro, 22 de maio de 1909.*

*Exmo. Sr.:*

*Em cumprimento de gratíssimo dever, sou feliz em levar ao conhecimento de V. Ex<sup>a</sup> que, em Assembléia Geral de 7 de maio corrente, convocada para a reforma dos Estatutos do nosso Clube, ficou deliberada, por indicação da Diretoria e com o apoio unânime dos sócios, a inclusão nos mesmos de artigo especial, em virtude do qual tem o Clube a subida e inapreciável honra de considerar V. Ex<sup>a</sup> seu Presidente Honorário. Certo de que V. Ex<sup>a</sup> dignar-se-á em aceitar o que foi decidido com entusiasmo e orgulho nosso, preveleço-me do ditoso ensejo para subscrever-me com verdadeira admiração.*

*Pela Diretoria:*

*a) Roberto J. Shalders, 1º Secretário.”*

Três anos depois, o Barão faleceu (infelizmente, não chegou a ver seu clube campeão). Quem poderia ser um bom sucessor nesse cargo honorífico?

Segundo Thiago Oliveira, a rua em que está localizado o clube ganhou o nome de Campos Sales porque ele teria se declarado torcedor do America. Então, Manoel Ferraz de Campos Sales (1841-1913), ex-Presidente da República, seria um candidato fortíssimo. Vamos avaliar a hipótese?

A Rua do Hipódromo foi aberta em 1899 e tinha esse nome devido ao Hipódromo Nacional, que lá se localizava. O America só foi para essa rua em 1911, graças à fusão com o Haddock Lobo FC, instalando-se no terreno do hipódromo. Pelo Decreto nº 1.165, de 31.10.1917, a rua mudou de nome para Rua Campos Sales.

Como não tive acesso ao Decreto, só posso especular: é possível que o fato de um falecido Presidente da República ter torcido para um clube fundado há treze anos ser suficiente para dar seu nome à rua em que esse clube se instalou há apenas seis anos?

Não encontrei em sua biografia nem uma menção a interesse por futebol, muito menos pelo America. Mas isso não significa muita coisa, pois as biografias dos “homens sérios” daquela época costumavam ignorar solenemente esse tipo de informação. Basta dizer que as biografias do industrial paranaense Ivo Leão (do Matte Leão) não dizem uma palavra sobre o fato de, na juventude, ele ter sido o artilheiro do primeiro campeonato paranaense de futebol – e vice-versa: os livros de futebol não falam sobre suas atividades empresariais posteriores.

O que as biografias de Campos Sales falam é que ele era paulista e apreciava o ciclismo. Embora tivesse que ficar no Rio por força dos cargos que ocupou (Presidente da República de 1898 a 1902, Senador de 1909 até a morte), onde passeava de bicicleta



pela praia do Flamengo, sempre voltava para seu estado natal, mas para Santos e Guarujá (preferia beira-mar), onde era recebido em festa e onde acabou falecendo. Isso dificulta ainda mais a hipótese do torcedor. Por que um ex-Presidente da República, que não era carioca nem morava no Rio, septuagenário, ciclista, se interessaria por um esporte recém chegado ao país e torceria por um clube fundado há menos de dez anos e sem títulos? No entanto, *mutatis mutandis*, essas mesmas objeções se aplicariam também ao Barão do Rio Branco que, apesar de tudo isso, foi inegavelmente um simpatizante do America.

Enfim, o Barão faleceu em 1912. Aberta a vaga, bem poderia ser escolhido Campos Sales. Só que ele faleceu em 28.06.1913. Antes de o America conquistar seu primeiro título, o que aconteceu em novembro.

Só em 04.09.1913, o America escolheu seu novo Presidente de Honra: o Chanceler Lauro Müller, sucessor do Barão no Itamarati no governo Wenceslau Braz, por ter ajudado o clube a trazer a seleção chilena de futebol para amistosos. Na realidade, parece que Lauro realmente se dedicou ao futebol. P.ex., em 1916, foi graças à sua atuação que as ligas carioca e paulista, que estavam em pé-de-guerra, deixaram suas pendengas de lado para compor uma seleção de futebol para disputar o 1º Campeonato Sul-Americano, em Buenos Aires. Curiosidade: como vimos no artigo “Contra o foot-ball”, foi ele quem propôs (em vão...) a Rui Barbosa que viajasse juntamente com essa seleção. Também graças à sua iniciativa, surgiu a CBD, atual CBF. Nesse mesmo ano de 1916, aliás, Lauro doou a “Taça Rio Branco”, para ser disputada pelas seleções brasileira e uruguais.

Depois, durante a 1ª Guerra Mundial, o chanceler, descendente de alemães, tentou evitar ao máximo a declaração de guerra contra a Alemanha (que só veio a ocorrer no fim da guerra, em 1917). Daí que, mesmo contra a opinião pública, o Presidente de Honra do America autorizou (ou “sugeriu”?) um amistoso do clube contra um time de alemães radicados em São Paulo, para angariar fundos para a Cruz Vermelha alemã. Foi em 17.04.1915. O America venceu por 6x1 mas perdeu Belfort Duarte, que, seriamente contundido, acabou tendo de abandonar o futebol poucos meses depois.

A questão da Guerra desgastou muito Lauro Müller, que acabou saindo do Ministério. (Seu sucessor não dava a mesma importância ao esporte. Tanto que, em 1921, Gilberto Amado lamenta que “*se Rio Branco estivesse vivo, não se alhearia desse assunto, tendo como de seu dever velar pelo nome do Brasil no exterior*”). E a infeliz partida em que Belfort se contundiu desgastou Lauro com o America. Daí que, antes mesmo de seu falecimento (que só ocorreu em 1926), em 14.09.1921, o clube finalmente concedeu o título de Presidente Honorário a um ex-Presidente da República. A honraria coube a Wenceslau Braz, que agradeceu mediante ofício com data de 26.09.1921. O título decorreu do apoio que o Presidente sempre deu ao America.

O Presidente da República seguinte a ser agraciado pelo America, mas dessa vez em pleno exercício do mandato, foi Washington Luís, em 03.10.1927. Só que com o título de sócio honorário, ou seja, sem “destituição” de Wenceslau Braz, que viveu até 1966.

Outros Presidentes de Honra do America foram Fábio Horta de Araújo (título concedido em 30.06.1968), João Havelange (31.05.1971) e Emílio Garrastazu Medici (22.11.1972).

Fábio Horta era americano de quatro costados; patrono e ex-presidente do clube, faleceu em 16.04.1970. Medici era flamenguista, mas em pleno exercício do mandato de Presidente da República. E João Havelange era tricolor, mas no exercício do mandato de Presidente da CBD. Quando perguntado pelo americano Achilles Chirol se ainda

lembrava que era Presidente de Honra do America, na *Revista do America* nº 76, out. 1975 (*apud* Bulhões), Havelange disse o que provavelmente receberia o endosso de todos os demais Presidentes de Honra do America, americanos ou não:

“Essa honraria faz parte do meu currículo. Foi uma distinção particularmente grata, pois todos sabem que me formei esportivamente no Fluminense. Tenho pelo America uma admiração muito especial. Homens como Belfort Duarte, Antônio Avellar, Max Gomes de Paiva e tantos outros fazem parte da história do esporte brasileiro.”

Fontes:

- BILAC, Olavo. In: DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas*. São Paulo: IOESP, 2006. v. 1, p. 884.
- BULHÕES, Antônio. *Diário da cidade amada*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. v. 2, p. 393.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990. p. 39.
- CUNHA, Orlando. *Cronologia de uma odisséia*. Rio de Janeiro: s/n, 2001. p. 2-4, 6, 8, 33, 35.
- CUNHA, Orlando; CASTRO, Therezinha de. *O America na história da cidade*. Rio de Janeiro: ed. dos autores, 1990. p. 27.
- CUNHA, Orlando; VALLE, Fernando. *Campos Sales, 118: a história do América*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Didática e Científica, s/d. p. 51, 70-1, 84-5, 119.
- DEBES, Célio. *Campos Salles: perfil de um estadista*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. v. 2, p. 610-1.
- IORIO, Patrícia; IORIO, Vitor. *Rio Cricket e Associação Atlética*. Rio de Janeiro: Arte e Ensaio, 2008. p. 95-6.
- KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil*. São Paulo: Cultura, 2002. p. 103.
- LYRA FILHO, João. *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1973. p. 89.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e dos desportos no Brasil*. São Paulo: RT, 1952. v. 2, p. 119.
- MAZZONI, Tomás. A fundação da Federação Brasileira de Sports, depois Confederação Brasileira de Desportos. In: *Almanaque Esportivo Olympicus*. São Paulo: Sem Rival, 1944-5. p. 12.
- MAZZONI, Tomás. Como nasceu a CBD. In: MAZZONI, Tomás. *Almanaque Esportivo*. São Paulo: Soave, 1939. p. 111.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Leia, 1950. p. 109.
- OLIVEIRA, Lili Rose Cruz; AGUIAR, Nelson. *Tijuca de rua em rua*. Rio de Janeiro: Estácio de Sá, 2004. p. 121.
- OLIVEIRA, Thiago Passos de. Deus e o diabo na terra do futebol: reflexões sobre a disputa totêmica no America Football Club. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo (orgs.). *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 214.
- PEREIRA, Lafayette Silveira Martins Rodrigues. Introdução. In: SILVEIRA MARTINS, Gaspar. *Discursos parlamentares*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1979. p. 48.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 103-4, 123, 145-7.

- REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008. p. 32.
- RIO BRANCO, Raul do. *Reminiscências do Barão do Rio Branco*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942. p. 160-2.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2006. p. 1-2.



## Café Filho, o goleiro que virou Presidente da República<sup>6</sup>

João Café Filho (1899-1970), como se sabe, foi o Vice-presidente de Getúlio Vargas, que assumiu o governo após a sua morte, governando de 1954 a 1955. Ao contrário da maioria dos Presidentes de sua época, esse literalmente vestiu a camisa de um time e foi a campo. Nesse sentido, um pioneiro.

Começou como goleiro do Cruz Vermelha (Atheneu). Depois, foi goleiro do Alecrim FC. Não se sabe exatamente o período. Alberto Medeiros diz que foi de 1916 a 1919, aproximadamente. Everaldo Lopes diz que foi de 1919 a 1920.

Em seu próprio relato, Café Filho diz que assumiu em campo “posições de defesa”, dando a entender que também atuou na zaga. De qualquer modo, confessa, com bom humor, que:

*“Nunca tive uma sorte absoluta, mas apenas relativa, por assim dizer, compensadora dos meus fracassos. O arqueiro que, certa vez, me substituiu, deixou que os adversários fizessem doze goals contra o nosso time, enquanto eu deixara a bola passar nas traves apenas dez vezes...”*

Comprovada a sua inaptidão dentro das quatro linhas, tentou a sorte fora delas: virou dirigente. Primeiro, participou das primeiras diretorias do Alecrim. Depois,

---

<sup>6</sup> Versão revista de artigo publicado originalmente em <[www.webartigos.com](http://www.webartigos.com)>, em 08.05.2012.

chegou a ser vice-presidente do Centro Sportivo Natalense – que foi fundado às pressas, em 04.07.1918, para fazer o número mínimo de clubes que a legislação exigia para criar a Liga de Desportos Terrestres (apenas três clubes, com ABC e América), em 14.07.1918; participou do primeiro campeonato da Liga e algumas temporadas posteriores, até se licenciar e, em 1941, se transformar no CA Potiguar. No Natalense, organizou um grupo feminino, em que acabou encontrando sua futura esposa.

Como dirigente, Café Filho marcou seu maior gol antes mesmo de ser jogador! Foi ele quem organizou a primeira partida interestadual do Rio Grande do Norte: ABC 1 x 4 Santa Cruz, que ocorreu em 15.11.1916. Como foi essa façanha? Aos 17 anos de idade, Café Filho estudava em Recife, onde fez amizade com o filho de um diretor do Santa Cruz e, com a ajuda do Dr. Ramos Leal, médico influente no clube coral, conseguiu acertar a partida. Foi um grande sucesso, que movimentou toda a sociedade natalense. No entanto, foi proibido de assistir ao jogo pelo próprio pai, que era muito austero. Como se vê em suas memórias, ele nunca o perdoou por isso.

A mais curiosa história de sua curta carreira de dirigente é assim narrada por ele:

*“Uma ocasião, em Caruaru, Pernambuco, o clube que [eu] então liderava sofreu uma derrota tão vergonhosa ao jogar contra o time local, que não esperamos o dia seguinte para sair da cidade. Embarcamos, de madrugada, como uma espécie de fugitivos, em um trem de carga, aturdidos e às pressas, varridos pela onda dos comentários sarcásticos dos caruaruenses.”*

Depois de tantas peripécias, saiu do futebol para entrar na política. Considerando que chegou à Presidência da República, pode-se dizer que, como goleiro, foi um bom político. Nessa condição, parece que ficou totalmente alheio ao mundo do futebol. Tanto que confessou a Armando Nogueira que o maior vexame de sua vida pública aconteceu quando a primeira-dama da Colômbia elogiou o craque Heleno de Freitas e Café Filho não tinha a mínima idéia de quem ele era.

Foi o único ex-dirigente de futebol que chegou à Presidência? Certamente, não. Descontados os Presidentes da República que também foram Presidentes de Honra de alguns clubes, porque a rigor não são “dirigentes” (porque não “dirigem” efetivamente o clube), é preciso lembrar que Fernando Collor de Mello foi Presidente do CSA, de setembro de 1973 a agosto de 1974, conquistando o campeonato alagoano deste ano e uma vaga na primeira divisão do Campeonato Brasileiro.

E Paschoal Ranieri Mazzilli! Infelizmente, não há quase nada sobre o assunto, salvo o artigo não assinado “O guardião do palácio”, publicado no *Jornal do Brasil* (apud Gatti) quando de seu falecimento. E mesmo assim, limita-se à seguinte frase: “*O ex-presidente de muita coisa, incluindo um clube infantil de futebol e a República...*”. Tentei saber que clube foi esse, honrado com sua presidência, mas em vão. O máximo que consegui descobrir é que ele fez os estudos primários no Grupo Escolar de Caconde (SP), sua cidade natal, e os secundários no Ginásio do Estado, na capital paulista. Por time “infantil”, suponho que seja em Caconde.

O livro de Adriano Campanhole não fala nada sobre o mais ilustre filho da cidade. Mas traz algumas informações sobre os clubes locais:

- União Operária Cacondense, entidade recreativa também chamada de Clube Operário Cacondense, fundado em 1913, sua última ata é de 1917; seus presidentes foram Virgílio Reducino Guimarães e Rafael Ielo;
- EC Cacondense, sobre o qual já havia notícias na década de 20;
- Caconde FC, “muito antigo”;

- União FC, em cujo campo um avião pousou em 21.09.1917; dois dias depois, para decolar, foi necessário derrubar a cerca que delimitava o terreno;
- Fenix AC, clube dedicado ao atletismo e dotado de uma ótima quadra de basquetebol;
- AA Caconde, com sede social no Largo da Matriz, ao lado do Edifício Ranieri Mazzilli; quando se chamava Líder Clube, teve entre seus diretores Paschoal Mazzilli Neto (segundo secretário), José Mário Mazzilli (tesoureiro) e Domingos Mazzilli Sobrinho (conselho consultivo), só que era então um clube eminentemente social.

Tendo em vista os dados acima e considerando que Ranieri Mazzilli nasceu em 1910, poderia ter integrado o EC Cacondense, o Caconde FC ou o União FC, mas isso é pura especulação, já que não encontramos confirmação para isso.

Obs.: próxima a Caconde fica a cidade de Mococa, dominada pelo Radium FC, fundado em 01.05.1919. Antes que alguém avente a hipótese, cumpre dizer que o completíssimo livro de Marcos Eduardo Santoni sobre o Verdão da Mogiana traz uma lista de fundadores, presidentes efetivos, de honra e beneméritos, sendo que Ranieri Mazzilli não é citado.

Mas voltando a Café Filho, teria sido ele o primeiro Presidente da República a jogar futebol? Tudo indica que sim. O que não significa que outros Presidentes não tenham batido bola. E não foi só Lula. Vejamos:

**Juscelino Kubitschek**, quando estava no seminário dos lazaristas, em Diamantina (1914 a 1917), *“um pouco de alegria só chegava nas partidas de bola de meia”* (cf. Jatobá).

**Jânio Quadros** jogou futebol – mas só quando criança. No Colégio Arquidiocesano de São Paulo, porém, segundo seu professor, *“era péssimo esportista. Nos quadros de futebol, não figurava nem no segundo time. Os irmãos costumavam movimentar todos os meninos durante o recreio. Jânio jogava nas ‘sobras’, isto é, entre os ‘pernas-de-pau’”* (apud Koifman).

**João Goulart**, segundo Armando Nogueira, nunca foi apresentado a uma bola. Não é verdade. Começou jogando no recreio do Ginásio Santana, em Uruguaiana (RS), em regime de internato. Jango jogava no time dos mais velhos, de nome “Esperanza”, onde atuava no meio campo, abrindo as jogadas para os companheiros avançarem (ou na defesa, segundo Paulo Markun e Duda Hamilton – seria um volante?).

De acordo com Jorge Ferreira, Jango era um jogador habilidoso. Tanto que, na década de 30, foi campeão juvenil pelo Internacional de Porto Alegre, até abandonar o futebol devido a uma contusão. No entanto, consta que Jango era gremista. Não é impossível o desencontro entre a preferência clubística e o time dos primeiros chutes. Mas também pode haver equívoco numa das duas informações. Questão a elucidar oportunamente.

**Aurélio de Lyra Tavares**, integrante da Junta Militar que assumiu durante a enfermidade de Costa e Silva, foi jogador do futebol amador do Fluminense, seu time de coração (ver o artigo “Somos todos fluminenses”).

**Medici** foi “muito bom jogador de futebol”, desde Porto Alegre até a Escola Militar do Realengo (cf. depoimento de Geisel). Segundo Marcos Guterman, foi atacante do Grêmio Esportivo Bagé. No entanto, consta que torcia pelo Guarany FC, de Bagé. Aqui se repete a mesma situação que acabamos de observar sobre João Goulart, linhas acima.

**Tancredo Neves**, no tempo de colégio, em São João Del Rey, já praticava o esporte bretão, como se vê nesse depoimento:

*“A diversão maior era o futebol. O futebol que era travado com o maior entusiasmo, até com torcida no adro da Igreja, e aí todos nós dividíamos em times antagônicos e cada qual mostrava as suas habilidades, de acordo com as suas aptidões.”*

Paulo Markun e Duda Hamilton dão mais detalhes:

*“Tancredo teve uma infância normal, nadando nos rios, colhendo jabuticaba no pé e jogando futebol no Esparta Futebol Clube, na mesma posição em que faria toda a sua carreira política: meia-direita.”*

Segundo Galileu Camarano, o “Leleu”, seu companheiro de várzea, Tancredo *“não era propriamente uma revelação no esporte, mas um jogador habilidoso e disciplinado, que cumpria bem o feijão-com-arroz”* (*O Globo*, 14.01.1985, *apud* Koifman). Foi o suficiente para ser campeão aos 15 anos, em torneio realizado em São João Del Rey, pelo amador Esparta (ou Sparta) FC.

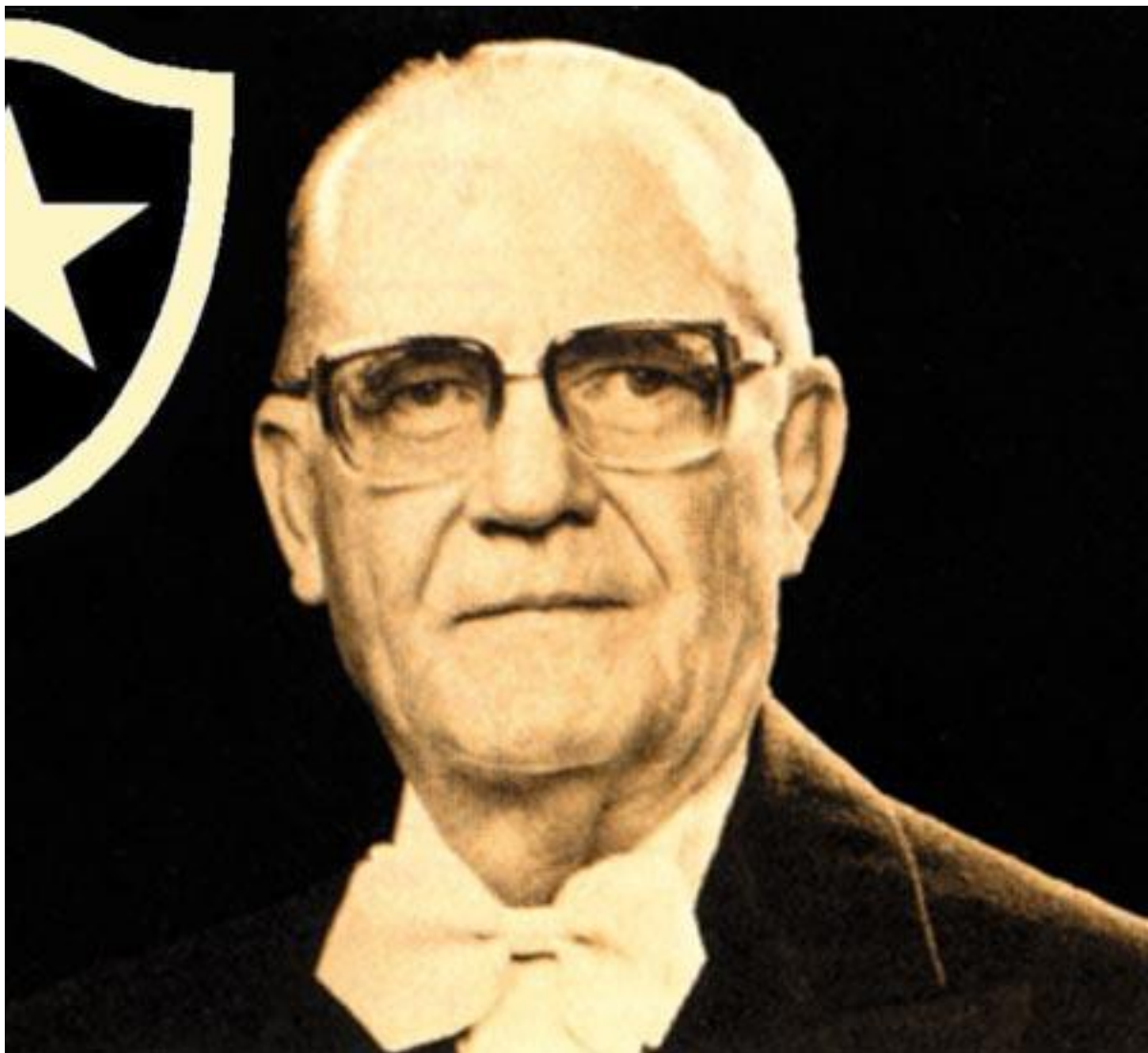
A propósito, aparentemente, o clube cuja camisa foi vestida por mais Presidentes (não só para fotografias, mas para competição mesmo) foi o América mineiro. Além de Tancredo, que jogou futebol, o clube contou com Juscelino Kubitschek, que fez natação e jogou basquete lá. Sem contar Lula, que, em 15.06.2003, disputou uma pelada no Alvorada usando a camisa do Coelho, cf. foto de Ricardo Stuckert publicada na *Folha de S. Paulo*. Por fim, segundo o historiador oficial do Coelho, os vice-presidentes Pedro Aleixo (considerado ex-presidente pela Lei 12.486/2011) e José Maria Alkmim eram americanos, enquanto Aureliano Chaves chegou a ser sócio do clube.

Fontes:

- CAFÉ FILHO, João. *Do sindicato ao Catete: memórias políticas e confissões humanas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. v. 1, p. 12, 28.
- CAMPANHOLE, Adriano. *Memória da cidade de Caconde: freguesia antiga de N.S. da Conseqção do Bom Sucesso do Rio Pardo*. São Paulo: ed. do autor, 1979. p. 355-6, 362-6, 449.
- D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (orgs.). *Ernesto Geisel*. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 40, 211.
- FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 34, 676.
- GATTI, Vicente Paulo. *O presidente Mazzilli e eu*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 1997. p. 50, 244.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 144, 161.
- JATOBÁ, Roniwalter. *O jovem JK*. São Paulo: Nova Alexandria, 2005. p. 38.
- KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil*. São Paulo: Cultura, 2002. p. 502, 759.
- LOPES, Everaldo. *Da bola de pito ao apito final*. Natal: ed. do autor, 2006. p. 33-4, 48, 55, 331-2.
- LYRA TAVARES, Aurélio de. *Temas do nosso tempo*. Rio de Janeiro: ed. do autor, 1978. p. 224.
- MAGALHÃES, Mário. *Viagem ao país do futebol*. São Paulo: DBA, 1998. p. 114-5.
- MARKUN, Paulo; HAMILTON, Duda. *1961: o Brasil entre a ditadura e a guerra civil*. São Paulo: Benvirá, 2011. p. 18, 271.
- MEDEIROS, Alberto Pinheiro de. *História do Alecrim FC*. Natal: ed. do autor, 2002. p. 72.

- NOGUEIRA, Armando. O futebol no poder. In: *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 33-5.
- O GUARDIÃO do Palácio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1975, p. 3.
- PAIVA, Carlos. *Minha paixão*: América Futebol Clube, BH, o América Mineiro. Belo Horizonte: Alicerce, 2011. p. 29.
- PROCÓPIO NETO, José Procópio Filgueira Neto, dito. *Os esportes em Natal*. Natal: Fenat, 1991. p. 21, 28, 250.
- SANTONI, Marcos Eduardo. *Radium: o Verdão da Mogiana*. Mococa: ed. do autor, 2003. p. 9-11.
- SILVA, Hélio. *Café Filho*. São Paulo: Três, 1983.
- SILVA, Vera Alice Cardoso; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Tancredo Neves: a trajetória de um liberal*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 66.





## Geisel, o botafoguense vascaíno<sup>7</sup>

Virar-casaca é um costume muito mais comum e antigo na política que no futebol. Joaquim Manuel de Macedo, p.ex., na peça *A torre em concurso*, de 1863, um personagem critica o outro por ter mudado de partido, “que isso é não ter princípios políticos”. O outro responde: “faço o que muitos têm feito, e é assim que se arranja a vida”. Pouco depois, ambos perguntam ao juiz de paz qual o partido dele, que responde com esta pérola de *Realpolitik* tupiniquim: “eu sou do partido que ficar de cima, que assim é que faz muita gente do meu conhecimento”.

Já a fidelidade a um time é muito mais estável do que a estabilidade do próprio quadro partidário. Vale dizer, é mais fácil mudar de partido e até mudar o partido inteiro (fundação, cisão, extinção) do que passar a torcer para outro time – até mesmo quando dois clubes rivais fazem uma fusão, parte da torcida resiste a torcer pelo novo clube. Se para mudar de partido há sempre uma explicação, boa ou não, a mudança de torcida é simplesmente injustificável (sobre o assunto, ver Lever). Na precisa síntese de Roberto Damatta, “o sujeito pode trocar de mulher, partido político e, hoje em dia, de sexo, mas não se troca de time” (*O Estado de S. Paulo*, 09.06.2002). Que o diga a Marcha do Flamengo, de Lamartine Babo: “uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”. Uma faixa

<sup>7</sup> Versão revista de artigo publicado originalmente em <[www.webartigos.com](http://www.webartigos.com)>, em 08.05.2012.

estendida por uma torcida organizada em Campinas conseguiu dar um passo adiante: “sou Ponte Preta até o além”!

Isso não significa que não seja comum as famosas “simpatias”. Com isso, é possível torcer para um time, mas ter um “segundo time”, bem como simpatia por outros tantos. O América, p.ex., é (era?) famoso por ser o “segundo time” de todo carioca. Orlando Cunha e Therezinha de Castro lançam a tese de que isso teria origem no fato de o clube ser convidado a inaugurar estádios dos outros times – mas será isso causa ou consequência?

Em termos de simpatia, Tancredo Neves, na qualidade de bom político e ótimo mineiro, soltou a pérola: “sou torcedor do América, mas tenho simpatia por Cruzeiro e Atlético, assim como por todos os clubes do interior”. Sem dúvida, é uma flexibilização extrema, mas não chega a significar uma virada de casaca.

Mais difícil definição é a de outro mineiro, Juscelino Kubitschek. Fez natação e jogou basquete no América mineiro, como vimos no capítulo “Café Filho, o goleiro que virou Presidente da República”, neste livro. Todavia, quando estudava medicina, ia “torcer nos jogos do Atlético, onde seu amigo Odilon [Behrens, goleiro] jogava e era craque” (cf. Jatobá). Segundo Armando Nogueira, diziam que era americano. Mas quando já estava na política, se declarou cruzeirense. Para o historiador oficial do América mineiro, Carlos Paiva, uma explicação possível é o fato de que, naquela época, o Cruzeiro era a terceira força estadual, de modo que era uma forma de não perder votos entre americanos e atleticanos.

Seja qual for o motivo, ambos os clubes o reverenciaram: o Atlético o fez conselheiro e o Cruzeiro batizou com seu nome o estádio que tinha no Barro Preto. Suas biografias refletem essa indefinição:

*“Muitas vezes me perguntaram se JK era torcedor do Cruzeiro ou do Atlético. Ele nunca se definiu”* (cf. Jardim).

*“Dubiedade e conciliação também marcaram sua forma de tratar tanto as questões de futebol como de política: com igual zelo acolhia os torcedores do Cruzeiro, embora fosse conselheiro do arquiinimigo Atlético Mineiro”* (cf. Cohen).

E essa ambigüidade seguiu JK até o túmulo. Quando morreu (sobre as circunstâncias da morte, ver nosso artigo “Presidentes brasileiros assassinados”), trazia entre seus papéis uma convocação para reunião do Conselho do Atlético, mas no velório recebeu coroa de flores da diretoria do Cruzeiro.

Um passo um pouco além da simpatia é efetivamente torcer por mais de um time. Se de cidades diferentes, vá lá, é relativamente comum. Entre os famosos, lembro-me do apresentador Milton Neves e do poeta Affonso Romano de Sant’Anna. É o que Flávio Carneiro chama de *torcedor eclético*, “aquele que tem um time em cada estado do país. Desse modo, seja qual for o jogo, há de haver adrenalina à solta”.

Se um perder, há outro que ganhou. Então, quanto maior o número de clubes preferidos, menor é a chance de uma “tristeza absoluta”, que só ocorreria com a derrota de todos eles – aí, também, haja falta de sorte.

Mas e torcer por clubes rivais? Da mesma cidade? No capítulo “Influências carnavalescas no futebol carioca”, do livro *Lances do futebol no Rio de Janeiro*, já mencionamos o caso do folião “Lord Fla-Flu”, torcedor de ambos. E agora temos que lembrar o caso do Presidente Ernesto Geisel.

Segundo o livro organizado por Fábio Koifman, durante sua infância, na família Geisel, “as bolas para o futebol eram feitas de meia, recheadas com papelão ou trapos”. Mas isso não significa que ele jogasse, pois bem poderiam ser de seus irmãos Henrique, Bernardo ou Orlando.

Não encontrei em sua biografia nada sobre Geisel ter efetivamente praticado futebol. Pelo contrário; em depoimento, ele reconhece que “não competia, não era muito dado ao esporte”. Preferia caminhadas, leituras e óperas. Marcos Guterman diz que ele nem sequer gostava de futebol. Mas é claro que ele jamais admitiria isso em público. Daí o teor do seguinte improvisado, que pronunciou no Palácio Piratini, em Porto Alegre, em 25.05.1978, por ocasião da despedida da seleção brasileira que iria disputar a Copa na Argentina (entre colchetes, minhas observações):

*“Eu vim a Porto Alegre e vou assistir a esse jogo que se realizará dentro em pouco, de nossa Seleção, que vai disputar o Campeonato mundial, e da Seleção do nosso querido Rio Grande do Sul [Geisel era gaúcho].*

*Esta minha vinda, na realidade, tem uma significação. Não é apenas o meu interesse pessoal pelo futebol e pelos jogadores que vão jogar hoje aqui, embora eu goste muito do esporte e tenha procurado, ao longo dos anos de minha vida, apreciá-lo e conhecê-lo cada vez melhor [esta frase revela um esforço de demonstrar interesse pelo futebol, mas a parte final parece dizer que ele foi recente]. Mas afora esse aspecto pessoal, há um outro: a significação que tem para todos nós o trabalho que a Seleção vai realizar em Mar del Plata, na Argentina. Isso é uma decorrência, de um lado, como bem disse o Ministro Ney Braga, da circunstância de que o futebol é realmente no Brasil o esporte nacional, e, de todos os esportes que se praticam aquele que é realmente popular, que se difundiu no seio das massas e que todos os brasileiros conhecem. Do outro lado, é a nossa tradição, é o nosso passado. As nossas delegações, em anos sucessivos, realizaram um bom trabalho no exterior e vitórias alcançaram, o que nós não podemos esquecer. Eu sei que, desde então, outros países se aperfeiçoaram nesse esporte e constituem hoje, através de suas delegações, adversários de alto valor da nossa seleção. Fizemos tudo que estava ao nosso alcance para apoiá-la, para prepará-la e assegurar-lhe as melhores condições de enfrentar essa pugna que se vai realizar em breve [o que se fez foi militarizar o futebol, como vemos no capítulo “A futebolização da política”, deste livro]. Acredito que esse trabalho não foi em vão e sei que todos os membros da delegação e todos os jogadores estão imbuídos de um sentimento de que é necessário dar de si todo esforço e tudo que for capaz no sentido de conquistar a vitória. Acho que é essencial, e me permito, embora um pouco leigo, lhes fazer uma recomendação: futebol é, na realidade, um trabalho de equipe [esta confissão, de ser leigo, reforça a tese de que realmente não tinha muito trânsito com assuntos do futebol; mas a recomendação que fez é pertinente e válida]. É um trabalho de conjunto. É um esforço em que todos têm que colaborar anonimamente se for o caso, uns em proveito de outros, para que o conjunto alcance o melhor resultado. Ponham de lado os sentimentos pessoais e façam do time um conjunto que realmente possa trazer a vitória. Só assim espero lhes desejar sucesso e me sinto confiante no resultado que nós alcançaremos [que acabou sendo o título de “campeão moral”]. Vim aqui trazer-lhes a minha despedida, neste momento e nos minutos ou horas em que assistirei ao jogo que vão realizar. Mas essa despedida não é apenas pessoal. Eu estou aqui revestido do cargo que exerço e posso dizer-lhes que represento, nos meus sentimentos, agora, realmente, os sentimentos de toda a nação brasileira.”*

Fã ou não do futebol, não sei como, gaúcho, Geisel acabou virando torcedor do Botafogo, mas suponho que tenha sido no período em que estudou na Escola Militar do Realengo, ou quando serviu no Grupo-Escola de Artilharia, sediado na Vila Militar, no Rio. Como não se interessava muito por futebol, é bem provável que Geisel assinasse embaixo da frase de Otto Lara Resende: “em matéria de futebol, costume dizer que sou Botafogo desativado”. Aliás, curioso como outras personalidades um tanto avessas ao

futebol também eram botafoguenses. P.ex., Clarice Lispector e Vinícius de Moraes, que declarou o seguinte:

*“Eu sou do Botafogo por lirismo, por problema de infância, por ter morado muito tempo em Botafogo, minhas primeiras namoradas, sabe? Um negócio de puro carioquismo... Eu realmente não torço pelo Botafogo com aquele caráter que os caras torcem... (...) O Cyro Monteiro costuma dizer que a única coisa que ele não entende em mim, e não me perdoa, é o meu botafoguismo. O não ser Flamengo seria um defeito na minha negritude. Mas explico com outra das minhas fidelidades – ao bairro onde nasci e aos tempos em que remei pelo Botafogo.”*

Apesar de botafoguense (ativado ou não), no final do mandato, em 01.02.1979, Geisel recebeu o título de Presidente de Honra do Vasco da Gama, como agradecimento pela cessão de um terreno. Pelo menos no discurso de improvisado que fez na cerimônia em que recebeu o diretor do clube no Palácio do Planalto, Geisel avisou que passaria a ser um torcedor de ambos os alvinegros cariocas (só faltou o Campo Grande AC) – entre colchetes, observações minhas:

*“Agradeço as lembranças e as palavras dos senhores. Eu tenho me preocupado com o problema do esporte no Brasil, sobretudo com a educação da nossa juventude, do ponto de vista físico e do ponto de vista intelectual. Geralmente abandonamos o físico [parece que houve uma mudança nesses últimos trinta anos; Geisel fez a sua parte, com o projeto “Desenvolvimento da Educação Física, Desportos e Recreação”]. Esse desenvolvimento fica por conta de cada um e, de acordo com o maior ou menor gosto ou prazer que os jovens têm. Por isso, creio que o Brasil é um país ainda muito atrasado no que se refere ao seu desenvolvimento físico, isto comparado com outros países [de fato, até o século XIX, o modelo de jovem romântico era pálido, anêmico, fraco, raquítico, lânguido, tuberculoso e intelectual, como vemos nos textos de João do Rio, Luís Edmundo, Olavo Bilac, Mendes Fradique, Graciliano Ramos, Fernando de Azevedo, Nicolau Sevckenko e Rosane Feijão]. E por isso mesmo preocupei-me com certos problemas, inclusive com o aspecto profissional. Afinal, nós ressentimos muito a falta de uma legislação adequada. É possível que aquilo que se fez ainda seja imperfeito, ainda não satisfaça, realmente, as necessidades que os esportistas tenham efetivamente, mas, a gente sempre tem que começar, não pensar em fazer obras perfeitas, e esperar que a continuidade e o tempo indiquem as falhas e a maneira de corrigi-las. Neste quadro, sei que o Vasco tem um papel destacado, pela sua tradição, pelo que ele representa no conjunto nacional e pela quantidade de pessoas que ele congrega em torno de si. E foi também dentro deste espírito que eu acolhi a proposta que me fizeram de ceder ao Vasco aquela área de terreno, sobretudo tendo em vista a finalidade que acaba de ser mencionada.*

*Estou muito honrado pelo título de sócio honorário que me dão. Sabem que eu não sou vascaíno e tenho minhas preferências pelo Botafogo. Aliás, não sou sócio do Botafogo, mas sou mais ou menos vinculado ao Botafogo há muitos anos. Mas eu agora tenho uma vantagem sobre os dois times: tenho dois clubes para torcer. E eu tenho um exemplo, no meu círculo de amizade: tenho um amigo que teve a grande habilidade de ser vascaíno e ser fluminense ao mesmo tempo. É um médico muito ligado ao Vasco e muito ligado ao Fluminense, de modo que quase sempre é campeão. Ele tem facilidade de torcer, de uma maneira geral, exceto quando os dois times jogam. Mas, aí, ele fica satisfeito com a vitória de qualquer um dos dois. Então, o meu problema, também, fica um pouco facilitado porque eu agora posso torcer pelo Vasco e não apenas pelo Botafogo.*

*Muito obrigado pela presença e pelas lembranças que me trazem e os meus votos são de que o Vasco continue progredindo em todos os ramos em que ele está*

*engajado, sobretudo na sua obra educacional, na sua obra social que se desenvolve como uma instituição que é realmente importante para o País. E que o exemplo do Vasco frutifique em outras agremiações semelhantes. Muito obrigado.”*

Assim, à luz das explicações que dei no início deste artigo, pode-se dizer que Geisel não “virou a casaca”, pois não mudou de time, nem “virou casaca”, já que não trocou o Botafogo pelo Vasco (“casaca” – ver o capítulo “Primeiros vira-casacas”, em nosso livro *Do fundo do baú*). Apenas acumulou a torcida, passando a ser um botafoguense vascaíno, assim como o tal médico que ele citou era um vascaíno tricolor. Isso sem contar o já mencionado Lord Fla-Flu.

Cumprе lembrar que, antes disso, Geisel também recebeu, em 22.10.1976, no Rio, o título de Presidente de Honra do Clube Ginástico Português. Nessa ocasião, disse algo que se aplica também ao Vasco da Gama:

*“Este Clube, da mesma maneira que os seus congêneres que estão espalhados pela extensão de todo o Brasil, mais do que um clube recreativo, ou do que um clube da comunidade portuguesa, é uma sociedade que serve de elo entre a sociedade portuguesa e a sociedade brasileira. E, dessa forma, serve para estabelecer entre nós uma perfeita integração. Não é um quisto que se instala. É o contrário. Uma sociedade que se abre, rasga horizontes e que constrói com sua atividade e pelo seu entrelaçamento com os brasileiros, uma sociedade progressista, moderna, luminosa e que tem diante de si um futuro luminoso, sem dúvida.”*

Por fim, o fato de conceder a um botafoguense confesso o título de Presidente de Honra do Vasco não foi algo inédito. Basta lembrar que o vascaíno Getúlio Vargas foi Presidente de Honra do Fluminense e o flamenguista Emílio Garrastazu Medici foi Presidente de Honra do America.

Fontes:

- AZEVEDO, Fernando de. *Da educação física*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960. p. 290-2.
- BILAC, Olavo. *Registro*. Campinas: Unicamp, 2011. p. 94.
- CARNEIRO, Flávio. Torcedores. In: *Passe de letra: futebol & literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 117.
- COHEN, Marleine. *Juscelino Kubitschek: o presidente bossa-nova*. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2005. p. 161.
- COHN, Sergio; CAMPOS, Simone (orgs.). *Vinicius de Moraes: encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007. p. 112-4, 132.
- CUNHA, Orlando. *Cronologia de uma odisséia*. Rio de Janeiro: s/n, 2001. p. 35.
- CUNHA, Orlando; CASTRO, Therezinha de. *O America na história da cidade*. Rio de Janeiro: ed. dos autores, 1990. p. 27.
- CURY, Levy. *Um homem chamado Geisel*. Brasília: Horizonte, 1978. p. 35.
- D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (orgs.). *Ernesto Geisel*. 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 39.
- DAMATTA, Roberto. Torcer. In: *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 114.
- EDMUNDO de Melo Pereira da Costa, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003. p. 519, 521.
- FALCÃO, Armando. *Geisel: do tenente ao presidente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na Belle Époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 153.

- GEISEL, Ernesto. *Discursos*. Brasília: Imprensa Nacional, 1976. v. 3, p. 289-90.
- GEISEL, Ernesto. *Discursos*. Brasília: Imprensa Nacional, 1978. v. 5, p. 241-2.
- GEISEL, Ernesto. *Discursos*. Brasília: Imprensa Nacional, 1979. v. 6, p. 13-4.
- GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 188.
- JARDIM, Serafim *et alii*. *Juscelino Kubitschek: onde está a verdade?* 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 220.
- JATOBÁ, Roniwalter. *O jovem JK*. São Paulo: Nova Alexandria, 2005. p. 75.
- KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil*. São Paulo: Cultura, 2002. p. 705, 715-6.
- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983. p. 152-3.
- LISPECTOR, Clarice. Armando Nogueira, futebol e eu, coitada. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 89-91.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. A torre em concurso. In: *Coleção clássicos do teatro brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 2002. v. 1, p. 1.190.
- MENDES FRADIQUE, José Madeira de Freitas, dito. Goal! In: *A lógica do absurdo*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1925. p. 107-11.
- NOGUEIRA, Armando. O futebol no poder. In: *A ginga e o jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 33-5.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 78-9.
- RESENDE, Otto Lara. Bola murcha. In: *Bom dia para nascer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 18.
- RIO, João Paulo Alberto Coelho Barreto, dito João do. Hora do futebol. In: BOUÇAS, Edmundo; GÓES, Fred (orgs.). *Melhores crônicas João do Rio*. São Paulo: Global, 2009. p. 301-3.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. v. 3, p. 568 e ss.